

ESPAÇO ARQUEOLOGIA



RELATÓRIO COMPLEMENTAR DE PESQUISA ARQUEOLÓGICA

SUBMETIDO AO IPHAN COMO REQUISITO PARCIAL À
OBTENÇÃO DE LICENÇA DE OPERAÇÃO (LO)

PROGRAMA DE RESGATE ARQUEOLÓGICO, MONITORAMENTO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO EMPREENDIMENTO IMOBILIÁRIO ALPHAVILLE PARANÁ RESIDENCIAL SUL E NORTE, MUNICÍPIO DE CAMPO LARGO – PR

COORDENADAS UTM 22J 654960 E; 7182910 N (ACESSO PRINCIPAL)

VALDIR LUIZ SCHWENGBER

PROCESSO IPHAN N. 01508.000926/2016-22

TUBARÃO-SC, DEZEMBRO DE 2021



RELATÓRIO TÉCNICO DE PESQUISA ARQUEOLÓGICA

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

SCHWENGBER, V. L.; MELLO, A. B.; NOVASCO, R. V.; MENDES, W. M.; JOAQUIM, L. E. L.; TORQUATO, T. V.; FIGUEIRA, T. M; SILVA, V. A. S.; KONRAD, R; SCHWENGBER, L. M. K. **PROGRAMA DE RESGATE ARQUEOLÓGICO, MONITORAMENTO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO EMPREENDIMENTO IMOBILIÁRIO ALPHAVILLE PARANÁ RESIDENCIAL SUL E NORTE, MUNICÍPIO DE CAMPO LARGO – PR.** RELATÓRIO COMPLEMENTAR DE PESQUISA ARQUEOLÓGICA. TUBARÃO-SC: ESPAÇO ARQUEOLOGIA. 2021.

EXECUÇÃO:



EM ATENDIMENTO:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





NOME DO RELATÓRIO:	RESGATE ARQUEOLÓGICO, MONITORAMENTO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO EMPREENDIMENTO IMOBILIÁRIO ALPHAVILLE PARANÁ RESIDENCIAL SUL E NORTE
EMPREENDIMENTO:	Condomínio de lotes residenciais
MUNICÍPIO:	Campo Largo
ESTADO:	Paraná
ÓRGÃO LICENCIADOR:	Instituto Água e Terra - IAT
EMPREENDEDOR:	Timbutuva Empreendimentos Imobiliários LTDA
EXECUÇÃO DO PROJETO:	Espaço Arqueologia Rua Germano Siebert, 645 Tubarão/SC – Centro Fone: (48) 3626-5572
APOIO INSTITUCIONAL:	Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história – UEM
ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL:	Valdir Luiz Schwengber Doutor em História – UNILEON
EQUIPE DE CAMPO:	Alessandro De Bona Mello Especialista em Arqueologia e Patrimônio Cultural – FUCAP
	Raul Viana Novasco Doutor em História – UNISINOS
	Willian Medeiros Mendes Graduado em História – UNISUL
	Luiz Eduardo Limas Joaquim Graduando em Geografia – UNINTER
EQUIPE DE LABORATÓRIO	Thiago Vieira Torquato Especialista em Arqueologia - FUCAP
	Thomé Martins Figueira Graduando em História – UNISUL
	Vitor Augusto de Souza da Silva Estagiário de laboratório



REDAÇÃO DO
RELATÓRIO:

Raul Viana Novasco
Thiago Vieira Torquato
Alessandro De Bona Mello

ORGANIZAÇÃO E
MONTAGEM DO
RELATÓRIO:

Valdir Luiz Schwengber
Raul Viana Novasco
Raquelli Konrad
Lucia Maria Konrad Schwengber



LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DO EMPREENDIMENTO	13
FIGURA 2: DISTRIBUIÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO ESTADO DO PARANÁ, CONFORME DADOS DO CNSA/IPHAN	20
FIGURA 3: LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	33
FIGURA 4: CAMINHAMENTO NA ÁREA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 3 PARA IDENTIFICAÇÃO DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS EM SUPERFÍCIE. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	34
FIGURA 5: VERIFICAÇÃO DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO EM SUPERFÍCIE EM LOCAL DE TRILHA. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	34
FIGURA 6: REMOÇÃO DA COBERTURA VEGETAL. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	35
FIGURA 7: MONTAGEM DE UNIDADE AMOSTRAL. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	35
FIGURA 8: VISTA DA ESCAVAÇÃO NA PORÇÃO CENTRAL DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	35
FIGURA 9: BASE DA UNIDADE 100E/90N SENDO ESCAVADA - SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	35
FIGURA 10: PENEIRAMENTO DO SEDIMENTO PROVENIENTE DAS ESCAVAÇÕES DO PRIMEIRO NÍVEL DAS UNIDADES AMOSTRAIS - SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	36
FIGURA 11: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 100E/90N - SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	36
FIGURA 12: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 100E/100N - SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	36
FIGURA 13: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 100E/110N - SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	36
FIGURA 14: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 90E/100N - SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	36
FIGURA 15: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 110E/100N - SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	36
FIGURA 16: DETALHE DA BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 100E/100N - SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	37



FIGURA 17: DECAPAGEM DO SEGUNDO NÍVEL DA UNIDADE AMOSTRAL 100E/110N DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	37
FIGURA 18: PENEIRAMENTO DO SEDIMENTO PROVENIENTE DAS ESCAVAÇÕES DO SEGUNDO NÍVEL DAS UNIDADES AMOSTRAIS. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	37
FIGURA 19: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 100E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	37
FIGURA 20: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 100E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	38
FIGURA 21: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 100E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	38
FIGURA 22: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 90E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	38
FIGURA 23: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 110E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	38
FIGURA 24: ESCAVAÇÃO DO TERCEIRO NÍVEL DAS UNIDADES AMOSTRAIS DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	39
FIGURA 25: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 100E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	39
FIGURA 26: PENEIRAMENTO DE SOLO PROVENIENTE DO TERCEIR NÍVEL – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	39
FIGURA 27: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 100E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	39
FIGURA 28: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 100E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	39
FIGURA 29: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 100E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	39
FIGURA 30: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 90E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	40
FIGURA 31: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 110E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	40
FIGURA 32: ESCAVAÇÃO DE POÇO-TESTE ATÉ 50 CM NA BASE EXPOSTA DAS UNIDADES AMOSTRAIS – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	40



FIGURA 33: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 100E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	40
FIGURA 34: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 100E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	41
FIGURA 35: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 100E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	41
FIGURA 36: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 90E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	41
FIGURA 37: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 110E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	41
FIGURA 38: ESCAVAÇÃO DAS SONDAGENS EXPLORATÓRIAS – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	42
FIGURA 39: ESCAVAÇÃO E CRIVAGEM DO SOLO DAS SONDAGENS EXPLORATÓRIAS – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	42
FIGURA 40: SONDAGEM 100E/70N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	42
FIGURA 41: SONDAGEM 100E/80N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	42
FIGURA 42: SONDAGEM 100E/120N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	42
FIGURA 43: SONDAGEM 100E/130N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 3. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	42
FIGURA 44: SONDAGEM 130E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	43
FIGURA 45: SONDAGEM 120E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	43
FIGURA 46: SONDAGEM 80E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	43
FIGURA 47: SONDAGEM 70E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	43
FIGURA 48: SONDAGEM 90E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	43
FIGURA 49: SONDAGEM 90E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	43



FIGURA 50: SONDAGEM 110E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	44
FIGURA 51: SONDAGEM 110E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	44
FIGURA 52: ESCAVAÇÃO DE POÇO TESTE – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	44
FIGURA 53: POÇO-TESTE 60E/100N ESCAVADO NA ÁREA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	44
FIGURA 54: PERFIL ESTRATIGRÁFICO DE POÇO TESTE 100E/150N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	45
FIGURA 55: SEDIMENTO PROVENIENTE DE POÇO-TESTE ESCAVADO NA ÁREA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	45
FIGURA 56: COLETA CONTROLADA DE MATERIAIS DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	45
FIGURA 57: TRABALHOS DE TOPOGRAFIA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	45
FIGURA 58: CROQUI DAS INTERVENÇÕES EXECUTADAS NA ÁREA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5	46
FIGURA 59: ORGANIZAÇÃO E ACONDICIONAMENTO DO ACERVO. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	46
FIGURA 60: MATERIAL ACONDICIONADO EM EMBALAGEM APROPRIADA. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021	46
FIGURA 61: FASE DE CURADORIA – HIGIENIZAÇÃO DO MATERIAL. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.	48
FIGURA 62: FASE DE CURADORIA – MARCAÇÃO DAS PEÇAS COM BASE BRANCA. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.	48
FIGURA 63: FASE DE CURADORIA – MARCAÇÃO DAS PEÇAS COM ID. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.	48
FIGURA 64: FASE DE CURADORIA – INDEXAÇÃO DAS PEÇAS. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.	48
FIGURA 65: FASE DE ANÁLISE – ANÁLISE E PREENCHIMENTO DO PABAM. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.	49
FIGURA 66: FASE DE ACONDICIONAMENTO – ETIQUETAMENTO E EMBALAGEM. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.	49



FIGURA 67: VISTA GERAL DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 05. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.	64
FIGURA 68: NÚCLEO COM PLANO UNIDIRECIONAL - FAZENDA TIMBUTUVA 05. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.	66
FIGURA 69: LASCA - FAZENDA TIMBUTUVA 05. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021...	67



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL REGIONAL.....	13
3	CONTEXTO ARQUEOLÓGICO REGIONAL.....	18
4	CONTEXTO ETNO-HISTÓRICO.....	29
5	RESGATE DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5.....	33
6	CURADORIA E ANÁLISE DOS BENS ARQUEOLÓGICOS MÓVEIS.....	48
	6.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	50
	6.2 ANÁLISE DO MATERIAL PROVENIENTE DO SÍTIO TIMBUTUVA 5	63
	DISCUSSÃO	77
7	CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA.....	81
	REFERÊNCIAS	83
	APÊNDICES.....	88
	APÊNDICE A – MATERIAL CARTOGRÁFICO	89
	APÊNDICE B – DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA EQUIPE TÉCNICA DO VITOR AUGUSTO DE SOUZA DA SILVA.....	91
	ANEXOS.....	93
	ANEXO A – FICHA CADASTRO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO (CNSA).....	94
	ANEXO B – PORTARIA DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA.....	98
	ANEXO C – CURRÍCULO LATTES DO VITOR AUGUSTO DE SOUZA DA SILVA	101
	ANEXO D – DECLARAÇÃO DO EMPREENDEDOR	103



1 INTRODUÇÃO

Por meio do presente relatório complementar de pesquisa arqueológica, apresenta-se à Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN do Estado do Paraná os resultados obtidos por meio das atividades de salvamento arqueológico do sítio arqueológico Fazenda Timbutuva 5. São descritos, portanto, os procedimentos de escavação do sítio, curadoria e análise dos bens arqueológicos móveis e as interpretações tidas a partir dos estudos desenvolvidos.

Tais estudos foram desenvolvidos no âmbito do projeto de Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação Patrimonial do empreendimento imobiliário Alphaville Paraná Residencial Sul e Norte, a ser instalado no município de Campo Largo, estado do Paraná, sob a autorização emitida por meio da Portaria IPHAN/CNA/DEPAM nº 61, de 04 de outubro de 2021.

Cabe mencionar que, no âmbito do presente Processo, foram realizados estudos sobre 6 (seis) sítios situados no interior da ADA do empreendimento: Fazenda Timbutuva 2, Fazenda Timbutuva 3, Fazenda Timbutuva 4, Fazenda Timbutuva 6, Fazenda Timbutuva 7 e Fazenda Timbutuva 8. Os resultados das pesquisas desenvolvidas sobre esses sítios foram apresentados ao IPHAN por meio de dois relatórios, os quais, encontram-se analisados e aprovados.

Em se tratando do sítio arqueológico Fazenda Timbutuva 5, dada a sua localização e situação no arranjo do empreendimento, este não seria diretamente afetado e, por isso, seria conservado *in loco*. Contudo, devido ajustes de *layout* do projeto urbanístico, o empreendedor verificou a necessidade de incluí-lo no Programa de resgate arqueológico, assim como os demais sítios.

Dessa forma, conforme mencionado, cumpre com os objetivos desse relatório complementar, informar sobre a realização das atividades de escavação do sítio Fazenda Timbutuva 5, e apresentar os resultados obtidos por meio das ações desenvolvidas sobre sua e os bens arqueológicos móveis dele provenientes.



Portanto, para cumprir com sua função, este relatório está estruturado da seguinte forma:

Na sequência a esta introdução, no capítulo 2, apresenta-se o contexto ambiental da área do empreendimento, elaborado a partir de dados secundários obtidos por meio de consulta a bibliografia especializada sobre as principais características ambientais da região de desenvolvimento desta pesquisa.

Também construído a partir de dados bibliográficos, o capítulo 3 conta com uma revisão sobre o contexto arqueológico regional do Estado do Paraná, assim como, o capítulo 4 trata do contexto etno-histórico da região de desenvolvimento desta pesquisa.

No capítulo 5 e seus subcapítulos, apresentam-se as atividades de salvamento arqueológico, executadas sobre as áreas dos sítios arqueológicos pré-coloniais, Fazenda Timbutuva 2, Fazenda Timbutuva 3, Fazenda Timbutuva 4, Fazenda Timbutuva 6 e Fazenda Timbutuva 7. Destaca-se que na área dos sítios pesquisados não foram identificados vestígios arqueológicos passíveis de datação.

No capítulo 6 e seus subcapítulos são apresentadas as ações de curadoria e análise realizadas sobre os materiais arqueológicos provenientes das escavações, em atendimento ao que preconiza a Portaria do IPHAN nº 196/2016. O capítulo 7 trata das considerações a respeito deste estágio da pesquisa.

Por fim, nos elementos pós-textuais, constam as referências bibliográficas, os apêndices, destacando-se o material cartográfico e as planilhas de análise dos materiais arqueológicos, assim como, os anexos, destacando-se a apresentação das fichas cadastro dos sítios arqueológicos (CNSA), atualizadas com as informações provenientes das ações de salvamento arqueológico.

Por último, vale destacar que as ações de salvamento arqueológico desenvolvidas sobre as áreas destes sítios, foram realizadas sob autorização expedida pelo IPHAN por meio da Portaria nº 15, de 26 de fevereiro de 2021, publicada no Diário Oficial da União de nº 39, de 01 de março de 2021.

2 CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL REGIONAL

A implantação deste empreendimento ocorrerá em área urbana, nos bairros Cercadinho e Ferraria, no município de Campo Largo, Estado do Paraná. Esta área pertence a Timbutuva Empreendimentos Imobiliários LTDA, representada pela empreendedora Alphaville Urbanismo S.A. sediada na cidade de São Paulo/SP.

Conforme o estudo de impacto ambiental do empreendimento, a área diretamente afetada (ADA) abrange toda a extensão da Fazenda Timbutuva e a estrada de acesso localizada entre o portão de entrada e a BR 277, numa distância de aproximadamente 3 km. Já a área de influência direta (AID) envolve o entorno de raio de 500 m, a partir dos limites da Fazenda Timbutuva. A área de influência indireta (AII), compreende o município de Campo Largo, o distrito de Ferraria, excetuando-se os núcleos do entorno. Isto porque outros núcleos do distrito não sofrerão impactos significativos como os localizados no entorno.

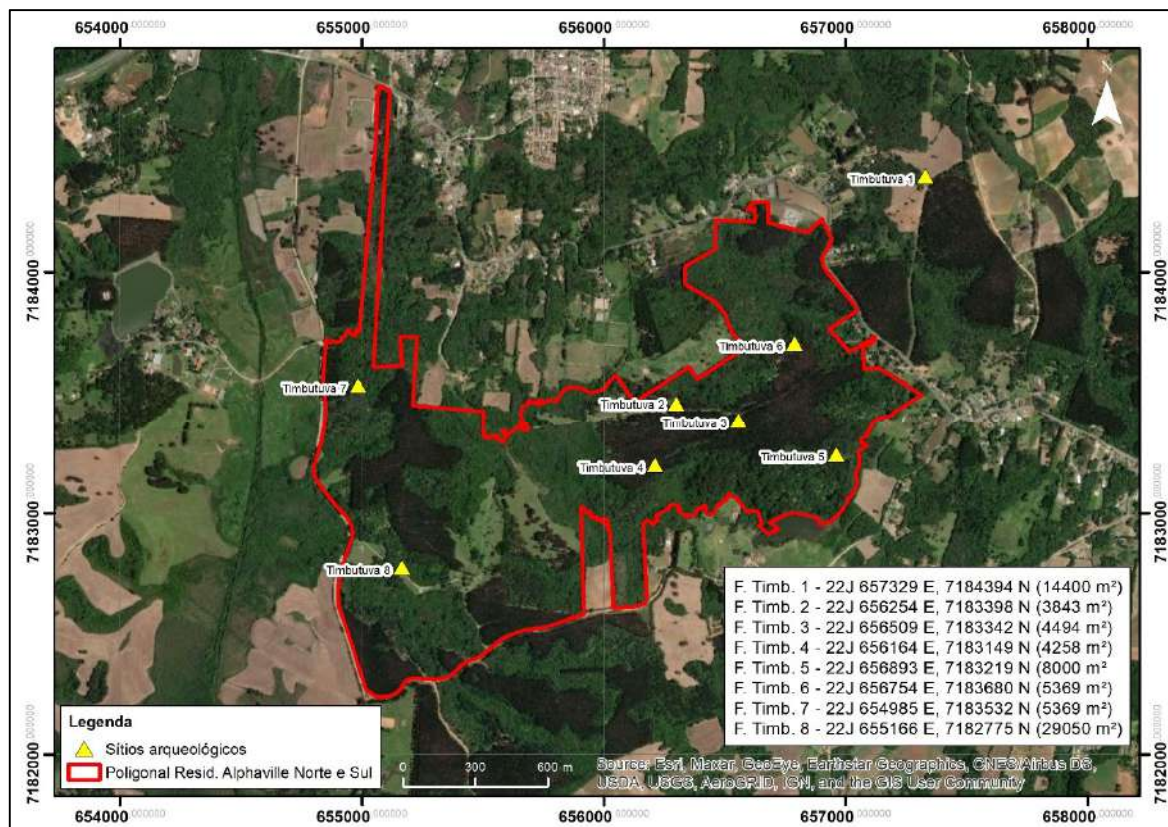


FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DO EMPREENDIMENTO



A área do empreendimento está localizada no município de Campo Largo, na região metropolitana de Curitiba, a qual possui características comuns às terras altas do sul do Brasil (Planalto Meridional Brasileiro), onde as cotas variam de 500 a 1200 metros de altitude.

Segundo Scheibe (1986), após os eventos geotectônicos responsáveis pela formação dos cratons proterozóicos, mais precisamente durante o Siluriano inferior, a atividade tectônica diminuiu consideravelmente, e o vulcanismo cessou completamente, dando início a um período de estabilidade tectônica. De acordo com o autor, as estruturas tectônicas se tornaram caracteristicamente cratogênicas, com grandes áreas de subsidência entre elas, as chamadas antéclices¹ e sinéclices², sendo que as sinéclices constituíram as bacias sedimentares do Amazonas, do Piauí-Maranhão e do Paraná.

Na transição do Siluriano para o Devoniano houve uma melhor separação das três bacias citadas acima e, devido ao aumento do nível do mar, ocorreu uma espessa deposição de sedimentos marinhos, costeiros e deltaicos. Do Carbonífero inferior ao superior o mar regrediu, dando lugar a sedimentação continental que, na Bacia do Paraná apresentou grande complexidade devido à glaciação Gondwânica do Carbonífero superior, onde ocorreram espessos depósitos glaciais e proglaciais e, pelo menos, três finas intercalações de sedimentos marinhos, dando origem às rochas das formações do Grupo Itararé³ (SCHEIBE, 1986).

Durante o Permiano os sedimentos foram depositados sob condições aquosas continentais, que continuaram até o começo do Triásico, dando origem às rochas das

¹ Segundo o Glossário Geológico do IBGE (1999), antéclices são feições que ocorrem nas bordas ou no interior das sinéclices, cujas dimensões podem alcançar centenas de quilômetros. A característica fundamental é o comportamento passivo ou de menos subsidência (p. 20).

² Segundo o Glossário Geológico do IBGE (1999), sinéclices são grandes porções deprimidas monometricamente ou alongadas das plataformas cratônicas (embasamentos), cobertas por sequências expressivas de rochas sedimentares cratônicas. Se caracterizam também por amplas depressões instaladas em áreas cratônicas, causadas por lento rebaixamento crustal, que perdura por vários períodos geológicos (p. 174).

³ Formações Campo do Tenente, Mafra e Rio do Sul.



formações dos Grupos Guatá⁴ e Passa Dois⁵. Entre o Triásico médio e o Jurássico superior deram-se as últimas deposições da Bacia do Paraná. Nesse período depositou-se o Arenito Botucatu, em ambiente desértico e fluvial árido, e ocorreu o vulcanismo relacionado à ruptura do Gondwana, dando início à abertura do Oceano Atlântico e origem às rochas das formações do Grupo São Bento⁶ (SCHEIBE, 1986).

A Formação Serra Geral (Grupo São Bento), tem a sua origem no vulcanismo basáltico gerado pelo evento de ruptura do Gondwana e abertura do Atlântico Sul que envolveu toda a porção leste da Plataforma Sul-Americana, chamado Reativação Wealdeniana. De acordo com Scheibe (1986) durante o Jurássico formou-se uma extensa superfície de aplainamento, na qual desenvolveram-se espessos perfis de solos argilosos vermelhos. Com a Reativação, tais solos foram removidos e depositados às margens dessa grande bacia, e o embasamento sedimentar e cristalino tornou-se exposto, erodido, transportado e depositado como um litosoma mais arenoso.

Os derrames basálticos formaram camadas de até 50 metros de espessura, e ocorrem em mais de 20 secções. Através deles formaram-se as rochas vulcânicas que constituem hoje a porção oeste do território paranaense, divididas em básicas e ácidas (SCHEIBE, 1986). As rochas vulcânicas efusivas ácidas são mais resistentes às ações intempéricas, por isso foram menos erodidas e compõem os campos de altitude, onde os solos são menos desenvolvidos e pouco espessos (neossolos litólicos). As rochas vulcânicas básicas sofreram maior alteração e transformaram-se em solos vermelhos pouco profundos e profundos (latossolos e cambissolos).

Os neossolos litólicos são solos pouco evoluídos compostos por material mineral, ou por material orgânico, com menos de 20 cm de espessura. Estão assentados diretamente sobre a rocha e apresentam contato lítico dentro dos 50 cm. Os cambissolos são solos constituídos por material mineral, com horizonte B pouco erodido abaixo de

⁴ Formações Rio Bonito e Palermo.

⁵ Formações Irati, Serra Alta, Terezina e Rio do Rasto.

⁶ Formações Botucatu e Serra Geral.



qualquer horizonte superficial (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA, 2006).

Os Latossolos são solos em avançado estágio de intemperização, muito evoluídos, resultantes de enérgicas transformações no material construtivo, que nesse caso são as rochas basálticas. Normalmente são muito profundos, sendo a espessura do solum raramente inferior a um metro (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA, 2006).

Já nas áreas recobertas por latossolos, nitossolos e cambissolos, com altitudes superiores a 500 metros, predomina a floresta ombrófila mista, conhecida como "mata de araucária". De acordo com o Manual Técnico de Vegetação Brasileira (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1992), a composição florística da Floresta Ombrófila Mista, caracterizado por gêneros primitivos, sugere uma ocupação recente, a partir de refúgios alto-montanos, apresentando quatro formações diferentes: aluvial (terraços situados ao longo dos rios), submontana (de 50 até 400 metros de altitude), montana (de 400 até 1000 metros de altitude), alto-montana (quando situadas a mais de 1000 metros de altitude).

Para alguns pesquisadores a araucária seria uma espécie de vegetação fóssil por ter-se adaptado melhor às condições mais frias do final da última era glacial, permanecendo agora somente nas áreas altas e mais frias do planalto. O domínio da Mata de Araucária começa a partir dos 500/600 metros e ultrapassa os 1000 metros de altitude. Essa formação florestal é resultante da interpenetração de floras de origem austral-andina e floras de origem tropical afro-brasileira e tem como principal característica a presença massiva de *Araucaria angustifolia*, que por sua abundância, porte e copas corimbiformes, imprime aspecto fitofisionômico próprio a esta formação.

O fato de a *Araucaria angustifolia* formar uma cobertura muito característica, uniforme e contínua, faz pensar que se trata de uma formação unistratificada, contudo, outras espécies de árvores, arbustos, ervas, epífitos e lianas, se fazem presentes nos estratos mais baixos da Floresta Ombrófila Mista. Entre as espécies florísticas que



compõem essa formação florestal destacam-se: a imbuia (*Ocotea porosa*) e a sassafrás (*Ocotea odorífera*) da família das lauráceas, bem como a erva-mate (*Ilex paraguayensis*) e a caúna (*Ilex theezans*) da família das aquifoliáceas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1992; SONEGO, 2007).



3 CONTEXTO ARQUEOLÓGICO REGIONAL

Assim como em boa parte do território brasileiro, no Estado do Paraná as pesquisas arqueológicas se iniciaram ainda no século XIX, na chamada “Era das expedições” (BARRETO, 1999-2000), e eram realizadas por amadores e pesquisadores de outras áreas que empreenderam registros e escavações pontuais a pedido de instituições de ensino e museus, a fim de obter objetos para compor acervos e coleções.

Já na primeira metade do século XX, a partir das políticas de valorização e preservação do patrimônio histórico implementadas pelo Governo brasileiro, e do crescente interesse pelos vestígios arqueológicos do litoral paranaense, tem início, no Estado do Paraná, o período marcado pela institucionalização da arqueologia acadêmica, cujo principal expoente foi o médico José Loureiro Fernandes, fundador do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (CEPA-UFPR).

Nesta instituição foram realizados entre 1958 e 1964 alguns dos primeiros cursos de formação de arqueólogos do Brasil. O primeiro curso, ministrado em 1958 pelo arqueólogo americano Wesley Hurt, originou o primeiro movimento com viés mais profissional na arqueologia brasileira. Em 1960, o CEPA-UFPR foi sede do curso ministrado pelo casal Joseph e Anette Laming-Emperaire, do Museu do Homem de Paris, curso este que teve como foco a escavação do sítio Guaraguaçu, sambaqui situado no litoral paranaense. Em 1962, na segunda etapa do curso, a turma de alunos, coordenada por Anette Laming-Emperaire, realizou escavações nos sítios Sambaqui do Toral e Sambaqui da Ilha dos Rosas II – em Antonina; e no sítio Gruta do Wobeto, localizado no município de Manoel Ribas, segundo planalto paranaense.

Destaca-se que os cursos coordenados por Anette Emperaire tinham como orientação teórica e metodológica os pressupostos aplicados à arqueologia do paleolítico francês, portanto, estavam voltados à compreensão da distribuição dos artefatos dentro dos “pisos arqueológicos”, ou seja, os olhares estavam diretamente voltados para o contexto intra-sítio (BARRETO, 1999-2000).



Em 1964, também convidados por Loureiro Fernandes, o casal norte-americano Clifford Evan e Betty Meggers, do Smithsonian Institute de Washington, dá continuidade ao curso de formação de arqueólogos no CEPA-UFPR. Neste curso o casal Evans introduziu um novo método de análise e interpretação dos dados obtidos de materiais cerâmicos, denominado Método Ford. Além das contribuições no campo da análise da cerâmica, Evans e Meggers foram os responsáveis pela adoção de uma abordagem regional nas pesquisas arqueológicas do Brasil.

Foi, portanto, a partir das discussões e constatações tidas no curso dos Evans que surgiu o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). No âmbito deste programa, foram realizados levantamentos arqueológicos em escala regional em praticamente todos os estados brasileiros, com exceção da região da Amazônia Legal. No Estado do Paraná, as pesquisas “pronapianas” foram desenvolvidas pelos arqueólogos Igor Chmyz, que atuou em todo o território paranaense, e por José Wilson Rauth, que se dedicou às pesquisas desenvolvidas sobre os sambaquis do litoral do Paraná.

Durante a década de 1980, Claudia Inês Parellada passa a integrar o quadro de arqueólogos paranaenses, ampliando a produção científica sobre arqueologia do Paraná. Nessa mesma década e na seguinte, o volume de produções aumenta em decorrência da realização de pesquisas arqueológicas no contexto das licenças ambientais de empreendimentos que, com sua implantação, põem em risco a integridade do Patrimônio Cultural.

No estado do Paraná essa demanda teve início ainda na década de 1960 e, através dela muito se produziu nos vales dos grandes rios do planalto paranaense. Pode-se dizer que o 'ponta-pé' inicial foi dado por Igor Chmyz através do Programa de Salvamento Arqueológico no Rio Itararé - UHE Xavantes (1965) e Projeto Itaipu (1976). Após estes, diversos outros projetos de mesma natureza e expressão foram realizados, tais como o Projeto Arqueológico Santiago no médio-baixo Iguaçu (1979), Projeto Arqueológico Foz do Areia no médio Iguaçu (1979), Projeto Arqueológico na área da UHE Segredo (1987), UHE Taquaruçu (1989), UHE Salto Caxias (1993) e LT Ivaiporá - Itaberá (2006).



Também cabe dar destaque às pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Vale do Paranapanema, onde os estudos arqueológicos vêm sendo realizados desde a década de 1960. Essas pesquisas foram coordenadas pela arqueóloga Luciana Pallestrini e, no final da década de 1980 o Projeto Paranapanema - ProjPar, passou a ser orientado pelo arqueólogo José Luiz de Moraes (FACCIO, 2005).

Analizando os trabalhos produzidos a partir das pesquisas realizadas nos últimos 60 anos no estado do Paraná, verifica-se que o contexto arqueológico registrado para o estado é composto por sítios de caçadores-coletores (ocorrem em todo o Estado), pescadores-caçadores-coletores (principalmente no litoral e vale do Ribeira), e sítios associados aos grupos Jê e Guaraní (ambos ocorrem em todo o Estado).

Atualmente, constam na base de dados on-line do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, hospedado no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, um total de 1862 registros de sítios arqueológicos para o estado do Paraná. Entre estes, há 117 históricos, 1663 pré-coloniais e 25 de contato. Na figura que segue abaixo, se verifica a distribuição destes sítios entre os municípios que compõem o Estado.

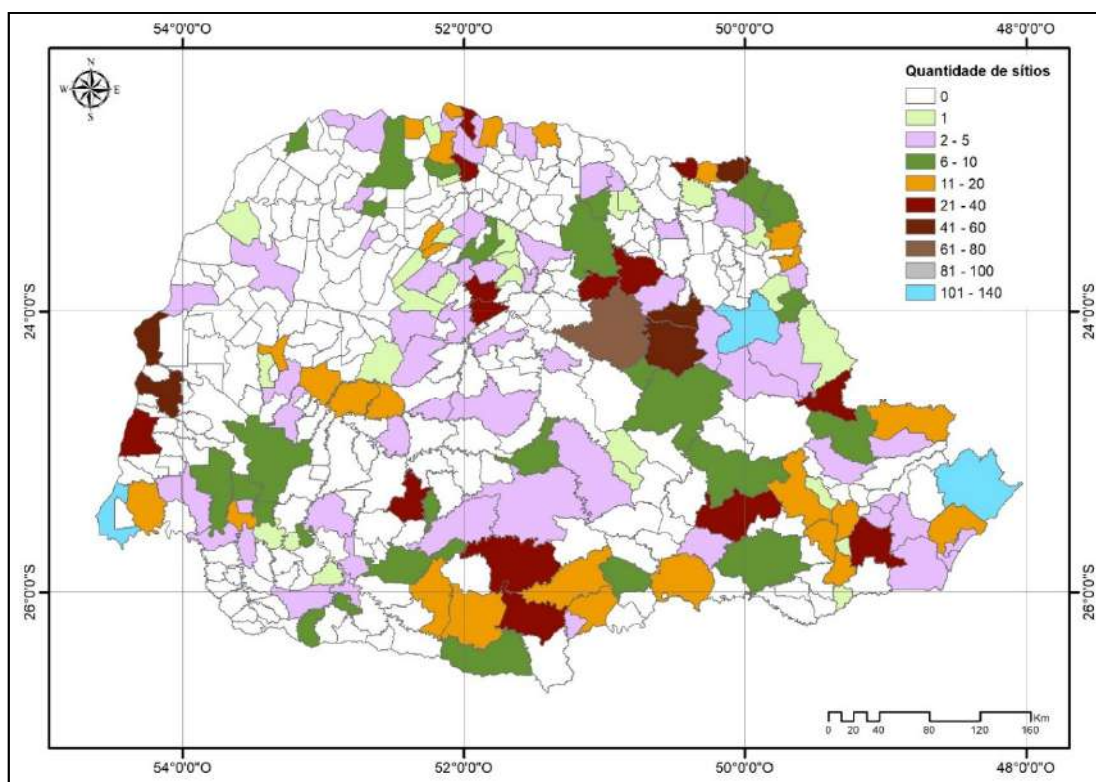


FIGURA 2: DISTRIBUIÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO ESTADO DO PARANÁ, CONFORME DADOS DO CNSA/IPHAN



Ao consultar a base de dados do CNSA/IPHAN no site eletrônico hospedado na página do Instituto, verifica-se que para o município de Campo Largo há 14 (quatorze) sítios arqueológicos registrados, dos quais, 13 (treze) são pré-coloniais e 1 (um) é histórico.

Os registros se referem a sítios arqueológicos pré-coloniais e históricos. Os sítios pré-coloniais são, em geral, compostos exclusivamente por materiais líticos ou por associações de materiais líticos com conjuntos de cerâmica, dispostos em superfície. Estes registram a ocorrência de um processo de ocupação que se inicia há milhares de anos com populações de caçadores-coletores e que, a partir do século V da nossa era, passa a ser empreendido por populações de horticultores. Os sítios históricos, por sua vez, são testemunhos dos processos culturais e ciclos econômicos que ocorreram após o século XVII, quanto tem início a colonização dos Campos de Curitiba.

QUADRO 1: SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CADASTRADOS NO IPHAN - CNSA/SGPA, MUNICÍPIO DE CAMPO LARGO

SÍTIO	TIPOLOGIA	CLASSIFICAÇÃO	ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL
Rio Bonito	Cerâmico a céu aberto	Pré-colonial	Igor Chmyz
Santa Cruz	Cerâmico a céu aberto	Pré-colonial	Igor Chmyz
Pedreira	Cerâmico a céu aberto	Pré-colonial	Igor Chmyz
Sanguinha	Cerâmico a céu aberto	Pré-colonial	Igor Chmyz
Palmeira 1	Cerâmico a céu aberto	Pré-colonial	Igor Chmyz
Palmeira 2	Cerâmico a céu aberto	Pré-colonial	Igor Chmyz
Palmeira 3	Cerâmico a céu aberto	Pré-colonial	Igor Chmyz
Rio Ferraria 1	Cerâmico a céu aberto	Pré-colonial	Igor Chmyz
CERNE 1	Lítico a céu aberto	Pré-colonial	Antônio Cavalheiro
Curitiba – Bateias 8	Casa subterrânea	Pré-colonial	Saul Milder



SÍTIO	TIPOLOGIA	CLASSIFICAÇÃO	ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL
Curitiba – Bateias 9	Casa subterrânea	Pré-colonial	Saul Milder
Curitiba – Bateias 10	Casa subterrânea	Pré-colonial	Saul Milder
Fazenda Timbutuva 8	Estrutura antiga mina	Histórico	Moacir Santos
Fazenda Timbutuva 1	Lito-cerâmico a céu aberto	Pré-colonial	Cláudia Parellada

Para melhor compreensão dos grupos humanos que ocuparam a região pesquisada, faremos uma síntese das principais características arqueológicas dessas populações que viveram no período pré-colonial na região.

O primeiro grupo a ser caracterizado é comumente chamado de caçadores-coletores. Estima-se que os povos caçadores-coletores ocuparam todo o atual território do Estado do Paraná a partir de 11.000 anos antes do presente, na transição do pleistoceno e holoceno inicial, período este caracterizado pelo clima seco e frio que limitava as áreas de ocorrência das florestas aos vales dos grandes rios. Vestígios da ocupação desses povos foram encontrados em várias regiões do Paraná, mas as principais ocorrências estão localizadas nos domínios da Serra do Mar, no litoral e nos vales dos rios Tibagi, Ribeira, Iguaçu, Ivaí, Itararé e Paranapanema (PARELLADA, 2009).

Os sítios arqueológicos associados aos caçadores-coletores geralmente apresentam pisos de ocupações com espessuras que variam desde alguns centímetros – em sítios a céu aberto – e até mais de um metro, nos abrigos sob rocha, sítios nos quais são encontrados restos alimentares que indicam uma subsistência baseada na caça da fauna existente nas imediações do sítio. Esses restos alimentares demonstram que havia uma apropriação de produtos naturalmente disponíveis, dinâmica esta que sugere dizer que tais grupos eram compostos por poucos membros, possuíam alta mobilidade e estavam dispersos por um vasto território (SCHMITZ, 1991).

Os artefatos líticos associados aos caçadores-coletores são especialmente as pontas de projétil (pedunculadas com aletas, triangulares ou foliáceas), lascas, lâminas,



facas bifaciais, raspadores médios ou pequenos (terminais, laterais, plano-convexos, com pedúnculo, circulares, discoidais, elípticos, unguiformes, quadrangulares e triangulares) furadores, pequenos bifaces, percutores, talhadores, buris, e lesmas, suportes para percussão, mós. Associados a estes artefatos também são eventualmente encontrados, machados semi-polidos, boleadeiras, alisadores (PROUS, 1992).

Também associados aos grupos caçadores-coletores são os grandes instrumentos confeccionados através de blocos ou seixos lascados, com destaque para talhadores, raspadores, furadores, localizados, em geral, próximos a cursos d'água em ambientes com maior cobertura florestal (PARELLADA, 2005).

Os vestígios associados aos grupos caçadores-coletores aparecem em sítios com datações que se estendem até, aproximadamente, 2.000 A. P. Na verdade, tais artefatos continuam aparecendo em sítios mais recentes, contudo, os contextos arqueológicos em que ocorrem indicam que os responsáveis por sua produção foram os povos Jê Meridionais, cuja cultura material é conhecida na arqueologia como Tradição Itararé-Taquara.

No planalto paranaense, os registros arqueológicos mais antigos associados aos povos Jê Meridionais datam de 2.000⁷ anos atrás. Dados linguísticos indicam que esses grupos tenham origem no planalto central e, há 3.000 anos iniciaram o processo de migração das terras altas do sul do Brasil, tendo se fixado em áreas que atualmente são cobertas por mata de araucária, bem como, na borda dos campos abertos. Considera-se sítios típicos desta tradição as estruturas subterrâneas, conhecidas popularmente por “buracos de bugre”; as aldeias a céu aberto contendo fragmentos cerâmicos; e os abrigos com pinturas e gravuras rupestres associadas à tradição Planalto.

Os sítios atribuídos ao Jê Meridional são encontrados em ambiente subtropical desde São Paulo até a metade do Rio Grande do Sul e contam uma história que se inicia

⁷ Segundo Parellada (2009) esses grupos iniciaram sua ocupação no estado há 4.000 anos atrás, contudo, os dados que apontam para período tão recuado encontram-se isolados, por isso não serão considerados neste texto.



no sexto século e termina no décimo nono de nossa Era. Nos estados do Paraná e Santa Catarina, mais especificamente, foram identificados sítios com casas subterrâneas que apresentam datas que variam de 1400 a 100 anos antes do presente. A exemplo disso, destacamos as pesquisas realizadas por Schwengber et al. (2012), que mapearam 7 sítios associados aos Jê meridionais no município de Passos Maia durante o processo de monitoramento das obras da LT Passos Maia – Palmas. Dos sítios mapeados, três eram compostos por estruturas subterrâneas; outros três são compostos por acampamentos com presença de material lito-cerâmico; e um é composto por materiais líticos lascados em arenito silicificado dispostos sobre a superfície.

Em uma segunda etapa do trabalho arqueológico, Schwengber et al. (2012) resgataram dois dos sete sítios mapeados, uma vez que os mesmos encontravam-se em áreas diretamente afetadas pelo empreendimento. Um deles, o Santa Terezinha I, trata-se de um sítio lito-cerâmico superficial, no qual foram observados fragmentos de vasilhas cerâmicas, artefatos líticos e matéria-prima utilizada para no processo de confecção de instrumentos. Este apresentou dimensões característica de sítios acampamentos de curta duração.

O outro sítio, Santa Terezinha III, é composto por um conjunto de quatro casas e está implantado em média encosta há uma distância de, aproximadamente, 250 metros de um pequeno córrego situado na baixa vertente da mesma encosta onde estão as estruturas. O local onde as estruturas estão instaladas possui boa drenagem, fica constantemente exposto ao sol e permite boa visibilidade nas orientações norte, sul e leste. A partir das escavações realizadas na Casa 3 do conjunto Santa Terezinha III foi obtida a data de 1140 +- 30 A. P. (SCHWENGBER et al., 2012).

Esta é, até o momento, a segunda data mais antiga obtida na região dos campos de Palmas (noroeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná). Chmyz obteve uma data mais antiga no município de Candói (1475 +- 65 A. P.) e datas um pouco mais recentes nos municípios de Mangueirinha, Cruz Machado e União da Vitória, todos no estado do Paraná (656 +- 60 A. P., 777 +- 87 A. P., 733 +- 39 A. P.).



Mais ao sul, no município de Concórdia (SC), Piazza identificou 12 sítios cerâmicos situados em topos de pequenos morros próximo à cursos de água. Para esta ocupação Piazza obteve data de 975 $\pm$ 90 A. P. Caldarelli e Herberts (2002), durante o projeto da UHE Quebra Queixo, situada no médio curso do Rio Chapecó, município de Ipuçu (SC), identificaram 4 sítios com estruturas subterrâneas e, a partir da escavação de uma das estruturas do sítio QQ-22, obtiveram a data de 144 A. P. (BEBER, 2004).

As pesquisas desenvolvidas até o momento indicam que tal processo de ocupação está relacionado ao processo de dispersão da mata de araucária pelas terras altas do sul do Brasil. Dados paleoambientais obtidos por Behling (2002), denotam o início da dispersão das florestas a partir do século V d. C (depois de Cristo), onde começa a ocupar as encostas do planalto e as matas de galeria ao longo dos grandes rios. Entre os anos 800 e 1200 d. C essa expansão diminui, retomando, com maior expressão a partir do século XIV d. C. É nesse período que o padrão clássico de ocupação dos construtores de estruturas subterrâneas se estabelece. Aglomerados com mais de cinco casas próximos a áreas centrais de socialização (danceiros), aterros bem definidos e ocorrência de montículos. Como pode ser visto em Schmitz (et al, 1988) e Schmitz e Rogge (2012), boa parte dos sítios com estruturas subterrâneas estão situados no horizonte cronológico que vai de 800 A. P. até 400 A. P., período em que tem início o processo de reconhecimento e ocupação europeia sobre o interior do planalto meridional brasileiro.

Assim como os grupos da tradição Itararé-Taquara (Jês), os grupos da tradição Tupiguarani, ceramistas e horticultores, ocuparam quase todo o território do atual estado do Paraná, principalmente os vales dos rios Paraná, Ivaí, Tibagi e Iguaçu. Os registros arqueológicos apontam a presença dos grupos portadores da tradição Tupiguarani no sul do Brasil ao mesmo tempo em que se registram as primeiras ocupações Jê na mesma região, por volta do século quinto de nossa Era.

Para a região da Bacia do Prata, mais especificamente, Bonomo et al. (2014), a partir do cruzamento de dados espaciais e cronológicos de 140 sítios Guarani mapeados entre os Estados do sul, sudeste e centro-oeste brasileiro, na Argentina, Paraguai e Bolívia, elaboraram um modelo de dispersão da cerâmica Guarani. Os dados obtidos pelos



pesquisadores indicam que o centro de dispersão dessa “cultura Guarani” seria a região do baixo Iguaçu e que, entre 2.000 e 1.700 anos A. P. esta ocupação estaria concentrada na região de Itaipu, com ocorrências isoladas nos vales dos rios Jacuí (RS), Ivaí (PR) Paranapanema (SP) e Paraná (Argentina). De acordo com os autores, entre 1.700 e 1.000 A. P. se verifica a permanência da ocupação sobre essas áreas e uma tímida expansão, que se restringe a algumas penetrações nos vales dos rios Ibicuí (RS) e Itararé (PR). A partir de 1.000 A. P. ocorre uma forte expansão e a ampliação dos territórios Guarani, que, no século XV já se estendia do vale do Paraná – a oeste; até o litoral – a leste; e do estuário do Prata – a sul, ao vale do Tietê – a norte.

Os dados apresentados pelos autores demonstram que na região do planalto sul do Brasil encontravam-se indígenas Guarani ao longo dos grandes rios nas áreas cobertas por mata subtropical. As pesquisas arqueológicas indicam que estes povos estavam organizados em aldeias relativamente estáveis, tendo como utilitários domésticos e cerimoniais os diversificados tipos de vasilhas cerâmicas, em que há grandes vasos para preparação e conservação de bebidas fermentadas, panela para cozimento de alimentos, tigelas e pequenos potes para servir comidas e bebidas.

Há que se considerar, contudo, que a noção de territorialidade Guarani ultrapassa os limites das aldeias conhecidas arqueologicamente. A organização territorial Guarani abrange diferentes escalas de domínio, que variam das áreas de atividades específicas, até o conjunto de territórios amplos. O centro do território Guarani é conhecido como *amundá*, que, segundo Melià (1979 apud MILHEIRA, 2010), refere-se ao espaço da aldeia, onde as atividades cotidianas e os principais eventos políticos, sociais e políticos acontecem. De acordo com Noelli (1993), o território de domínio de um *amundá* pode chegar a 50 km de raio e abrange as diversas áreas de atividades específicas, denominadas *tapýi*, que incluem as zonas de caça, pesca, as roças, os caminhos e os acampamentos temporários. Para este amplo território que comporta a sede da aldeia (*amundá*) e as áreas de atividades específicas (*tapýi*) é dado o nome de *Teko’á*.

Para Milheira (2010), considerando a amplitude dos *Teko’á* e tendo como referência as distâncias geralmente verificadas entre os sítios Guarani, é possível pensar



que este território amplo seria compartilhado por diversas aldeias e que, este território, definido tanto por seus aspectos simbólicos, quanto pelas relações sociais e de parentesco, deveria ser permanentemente assegurado. A dimensão territorial Guarani mais ampla, denominada *guará*, consiste no conjunto de *teko'á* de regiões distintas, mas interligadas.

Identificar os limites dessas dimensões do território Guarani através do registro arqueológico não é tarefa fácil. Recentemente, Heep (2012), em pesquisa desenvolvida no vale do Tibagi trouxe contribuições para a problemática da organização territorial Guarani no planalto paranaense, contudo, os dados apresentados pelo autor indicam a ocorrência de uma ocupação não consolidada, caracterizada pelos sítios de dimensões reduzidas, com pouco material cerâmico e, em alguns casos, com reocupações. Este panorama, de certo modo, foge ao modelo clássico de estabilidade Guarani, no entanto, deve-se considerar que os sítios trabalhados por Heep datam do período pós-conquista (entre 350 e 200 anos A. P.).

Também estão registradas na cultura material encontrada em sítios arqueológicos as opções e variações tecnológicas das estruturas, artefatos, instrumentos e utilitários que compunham os meios de produção e o arcabouço de ferramentas do cotidiano das primeiras comunidades europeias que ocuparam a região. Essa cultura material, classificada como Tradição Neobrasileira, além de se referir às populações que passaram a ocupar esta região mais recentemente, resulta da miscigenação desses grupos com os povos indígenas – nativos da região – e afrodescendentes – trazidos como escravos (CHMYZ et al., 1986).

Segundo Chmyz et al. (1986), nos sítios da tradição Neobrasileira mapeados no Projeto Passaúna, é possível identificar elementos de trocas culturais. Conforme os autores, nesses sítios constatou-se mudanças tecnológicas na cerâmica Tupiguarani, ao mesmo tempo em que, nas vilas e povoados associadas às primeiras comunidades pecuaristas, a ausência de determinados elementos construtivos indica a utilização de técnicas de construção próprias dos indígenas, para o estabelecimento das casas.



No caso do sítio arqueológico mapeado nas imediações do rio Timbutuva, no município de Campo Largo, assim como alguns espaços localizados em toda a região metropolitana de Curitiba – Parque Tanguá, Parque das Pedreiras, etc – possui referência a diferentes ciclos de mineração que movimentaram a economia regional, seja com a busca e a exploração do ouro, seja na exploração de outros recursos minerais, utilizados para diferentes fins.

Em resumo, a partir das pesquisas bibliográficas realizadas, cujos dados apresentamos de forma sucinta neste capítulo, constatamos que o panorama construído até o presente para a ocupação pré-colonial do atual território do Estado do Paraná, abrange apenas os grandes grupos culturais diferenciados, principalmente, por variáveis tecnológicas. Tal aproximação demonstra as limitações metodológicas da arqueologia brasileira das últimas 5 décadas, no entanto, acreditamos que as perspectivas teóricas e metodológicas recentemente utilizadas, aliadas à massa de informações produzidas na última década, auxiliarão no avanço da compreensão da ocupação pré-colonial desta região.



4 CONTEXTO ETNO-HISTÓRICO

O contato estabelecido entre os indígenas e europeus colonizadores na macrorregião do Planalto de Curitiba, pode ser verificado na documentação produzida entre meados do século XVII e do século XIX, que apontam para a ocupação do território por indígenas pertencentes ao grupo Kaingang e demonstram que este território possui uma história marcada principalmente pelo conflito entre distintos grupos culturais. O contato estabelecido entre colonizadores e Kaingang foi permeando por guerras e alianças, sem que tenha havido, ao contrário do que se acreditava, uma passividade por parte das populações indígenas.

Antes da chegada do homem branco às terras paranaenses, a região dos Campos de Curitiba formava um único e contínuo território dos grupos Kaingang, que viviam a partir de atividades de caça, coleta, pesca e agricultura, dividindo-se em vários emã (aldeia Kaingang) e formando grupos locais, sendo que os núcleos familiares eram ligados tanto por laços de consanguinidade como por afinidade (TOMMASINO, 2004).

Além dos Kaingang, havia nas vizinhanças de Jaguariaíva outras populações que frequentemente guerreavam entre si. De acordo com um relato feito ao botânico Saint-Hilaire (1964) por uma indígena Kaingang que trabalhava para o coronel Luciano Carneiro em Jaguariaíva: “Não longe de sua aldeia, existiam selvagens ferozes que tinham o costume de furar o lábio inferior e as orelhas”. Possivelmente tratava-se de grupos Xokleng, denominados também Botocudos, pela circunstância de usarem no lábio inferior botoques feitos de certa resina ou madeira.

Os documentos mais antigos que descrevem sobre o contato entre europeus e povos jê são dos padres jesuítas, nas reduções do Guairá entre 1626 e 1630; e a expedição de Fernão Dias em 1660 até a Serra do Apucarana. Os padres jesuítas referem-se aos povos jê como “Gualachos”. A experiência das reduções do Guairá foi breve devido aos ataques dos bandeirantes paulistas que em 1631 destruíram a missão jesuítica no interior do Paraná (VEIGA, 2015).



De acordo com Fortes (2014), na historiografia regional paranaense, assim como em outras regiões do país, os processos históricos de desenvolvimento do estado se deram às custas da negação da presença e relevância dos indígenas. Segundo o mesmo autor, é necessário compreender, primeiramente que, essa política de omissão é parte indissociável da conquista, e que dessa maneira, “por via simultânea das linguagens imagética, gestual, histórico-narrativa, musical e arquitetônica, entre outras”, exclui o indígena deliberadamente das narrativas. Vale lembrar que por trás dessa postura frente aos grupos indígenas existe um discurso político pensado e orquestrado a fim de justificar toda e qualquer ação que tenha por objetivo a proteção das colônias (FORTES, 2014).

A cidade de Curitiba e seus sertões, em que se inclui o território do atual município de Campo Largo, estavam longe de serem apenas fronteiras coloniais: toda essa região fervilhava imersa em uma zona de contato, onde se desenvolveram papéis estratégicos tanto para o não índio quanto para os indígenas, em um processo intermitente de interiorização das fronteiras e ampliação das zonas de contato, regulamentada por diferentes relações entre indígenas e europeus (FORTES, 2014).

De acordo com Nadalin (2001), as primeiras intervenções e investidas de colonização realizadas sobre o Sertão de Curitiba tinham por objetivo verificar a ocorrência de ouro e as potencialidades da região para a implantação de fazendas e a criação de gado. Contudo, no século XVIII, frente à escassez de ouro na região e a descoberta de novas minas na capitania de São Paulo, boa parte dos mineradores ali estabelecidos, abandonaram Curitiba e, os que lá se mantiveram, fixaram residência em sítios e fazendas onde passaram a se dedicar à pecuária e agricultura de subsistência (NADALIN, 2001).

No século XVIII o comércio de gado passou a ser a principal atividade econômica da região, e sua expansão determinou a ocupação do entorno da vila de Curitiba. Segundo Stanczyk Filho (2005), com o estabelecimento de novos currais e a aquisição crescente de sesmarias o povoamento se expande e novos caminhos comerciais se definem (RODERJAN, 1992).



Mesmo com o surgimento de novos povoados, durante o século XVIII poucos avanços econômicos são sentidos em Curitiba. Por estar situada à periferia dos grandes centros, a vila permanecia no abandono, esquecida pela capitania de São Paulo. Este cenário só foi revertido a partir dos primeiros anos do século XIX, com o advento das atividades tropeiras. Nesse período, Curitiba e outros povoados crescem e se destacam em função da atividade tropeira, como é o caso da freguesia de Santa Ana do Iapó e de Santo Antônio da Lapa, regiões estratégicas no transporte de gado para entre Sorocaba e Viamão (STANCZYK FILHO, 2005).

Em 1812 Curitiba passou a ser a sede de 5ª Comarca de São Paulo e, em 1842 foi elevada à categoria de cidade. Pela Lei Imperial nº 704 de 29 de agosto de 1854 Curitiba tornou-se capital da recém-criada Província do Paraná, cuja instalação se deu em 19 de dezembro de 1854 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016).

É também na primeira metade do século XIX que surgem as primeiras colônias de imigrantes europeus no interior do estado do Paraná. Os registros históricos informam sobre a existência de alemães no Rio Negro em 1829, franceses na colônia Tereza no Ivaí em 1847, e suíços, franceses e alemães em Guaraqueçaba no ano de 1852. A instalação de tais colônias foi motivada pelos interesses do Império de ocupar determinados 'vazios demográficos'.

Na região da grande Curitiba, contudo, a imigração se deu de outra forma. Nesse período, as colônias eram instaladas em locais determinados pelo império ou por empresas colonizadoras que 'induziam' a imigração para determinados territórios. O que ocorreu na grande Curitiba entre as décadas de 1830 e 1850 foi o que se conhece como imigração 'espontânea'. Nesse período, alemães de Rio Negro e da colônia Dona Francisca, instalada em Joinville, 'reimigraram' para os arredores de Curitiba. Dados do relatório de 1855 do diretor da colônia Dona Francisca mostra que durante aquele ano mais de 280 imigrantes haviam abandonado a região de Joinville, buscando se instalar no planalto de Curitiba (BALHANA; NADALIN, 1974).



Devido a esse movimento, houve um surto populacional na região de Curitiba, desencadeando transformações nos setores produtivos e comerciais. Entre tais transformações podemos citar o emprego de novas técnicas agrícolas e a intensificação da produção, que agora visava atender um mercado incipiente.

Verificando o êxito alcançado pela colonização espontânea em Curitiba, o governo Provincial executou um plano colonizador que fundamentava-se no estabelecimento de colônias agrícolas nos arredores dos centros urbanos, ou seja, junto ao mercado consumidor. Nesse período, foram trazidos imigrantes alemães, franceses, suíços, poloneses, ucranianos e italianos que se instalaram nos núcleos urbanos e coloniais. Além destes, sírios, libaneses e japoneses, migraram para Curitiba no início do século XX com expressivos contingentes. Os sírios e libaneses estabeleceram-se no comércio de roupas, sapatos, tecidos e aviamentos, com lojas situadas no centro do núcleo urbano.

Conforme apontam Balhana e Nadalin (1974), os imigrantes representaram um importante elemento no processo de crescimento econômico e urbanização pelo qual passou Curitiba, isto pode ser verificado ainda hoje, uma vez que ainda constituem grande parte da elite empresarial da Região Metropolitana de Curitiba.

5 RESGATE DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5

O sítio Fazenda Timbutuva 5 foi mapeado em 2004, durante os estudos de diagnóstico arqueológico vinculado ao processo de obtenção das licenças ambientais necessárias à implantação do empreendimento imobiliário Alphaville Paraná Residencial Sul e Norte.

De acordo com a ficha de sítio disposta no CNSA, o sítio arqueológico possui área de 10.000 m², cujo ponto central se localiza nas coordenadas UTM 22J 656893 E/ 7183219 N (datum SIRGAS 2000).

Partindo dessas informações, a equipe responsável pela escavação do sítio arqueológico realizou caminhamentos e verificação exaustivas executada sobre a área mapeada do sítio arqueológico, por meio das quais foi possível identificar alguns vestígios arqueológicos na superfície do terreno. Atualmente o local é utilizado na silvicultura e, parte da área do sítio exibe formação de mata secundária. O espaço apresenta alguma cobertura vegetal rasteira na área de mata e forte acúmulo de pequenos galhos e folhas no setor destinado ao plantio de eucaliptos.

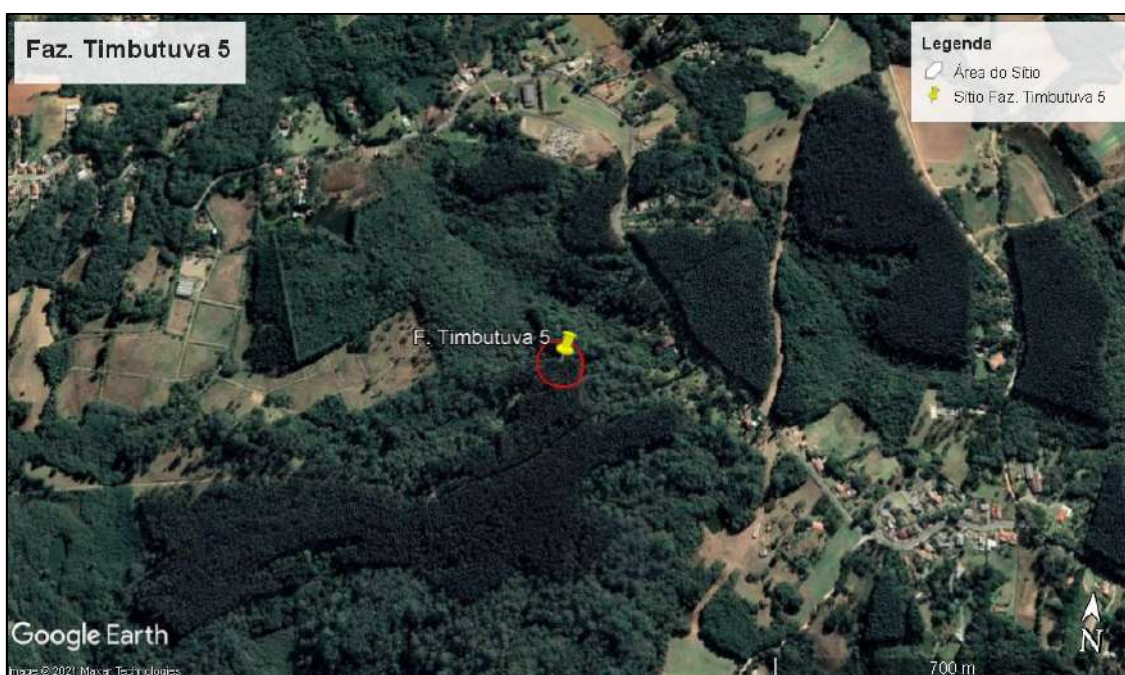


FIGURA 3: LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



A partir da identificação exata da área de abrangência deste sítio arqueológico, iniciou-se as atividades de resgate arqueológico a partir do reconhecimento do terreno por meio de caminhamentos sistemáticos sobre toda a polygonal e suas imediações.

Em decorrência dos caminhamentos realizados, foram encontrados 9 (nove) materiais líticos dispersos na superfície do sítio, a maior parte destes vestígios foi encontrada sobre uma trilha que corta o local, já que toda área apresenta baixas condições de visualização do solo. Com a conclusão dos caminhamentos em toda área do sítio, os trabalhos seguiram diretamente para a escavação arqueológica.



FIGURA 4: CAMINHAMENTO NA ÁREA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 3 PARA IDENTIFICAÇÃO DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS EM SUPERFÍCIE. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 5: VERIFICAÇÃO DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO EM SUPERFÍCIE EM LOCAL DE TRILHA. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021

Avaliando a baixa condição de visualização do solo e a presença de poucos vestígios arqueológicos em superfície, optou-se por instalar unidades de 1 m² a partir da coordenada central do sítio, cobrindo toda a área de relevo mais regular do sítio. Dessa forma, foram instaladas 5 (cinco) unidades amostrais que, conforme previsto na metodologia, foram espaçadas de 10 em 10 metros e escavadas em níveis artificiais de 10 centímetros.



FIGURA 6: REMOÇÃO DA COBERTURA VEGETAL. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 7: MONTAGEM DE UNIDADE AMOSTRAL. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021

As unidades amostrais foram escavadas concomitantemente, seguindo a metodologia de escavação de níveis artificiais de 10 centímetros, atentando-se para as características macroscópicas do solo escavado, para as possíveis variações e, principalmente, para a ocorrência de vestígios arqueológicos.

Na totalidade das unidades amostrais, verificou-se a ocorrência de sedimento argilo-arenoso de compactação alta a média, granulometria média e coloração predominante marrom (Munsell 2.5YR 5/4). Entre as 5 (cinco) unidades amostrais escavadas neste sítio, não foram observados presença de vestígios arqueológicos.



FIGURA 8: VISTA DA ESCAVAÇÃO NA PORÇÃO CENTRAL DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 9: BASE DA UNIDADE 100E/90N SENDO ESCAVADA - SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 10: PENEIRAMENTO DO SEDIMENTO PROVENIENTE DAS ESCAVAÇÕES DO PRIMEIRO NÍVEL DAS UNIDADES AMOSTRAIS – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 11: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 100E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 12: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 100E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 13: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 100E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 14: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 90E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 15: BASE DO NÍVEL 1 DA UNIDADE 110E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



A continuidade das atividades de resgate do sítio ocorreu com a decapagem do segundo nível das unidades amostrais iniciadas. Da mesma forma que no nível anterior, adotou-se a definição de níveis artificiais de 10 centímetros de profundidade, tomando-se como aspectos importantes as características edáficas verificadas e a ocorrência/ausência de vestígios arqueológicos.

Como resultado da escavação do segundo nível das unidades amostrais, verificou-se as mesmas características edáficas do nível anterior, sedimentos argilo-arenosos de compactação alta a média, granulometria média e coloração predominante marrom (Munsell 2.5YR 5/4). Neste nível não foram identificados vestígios arqueológicos.



FIGURA 16: DETALHE DA BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 100E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 17: DECAPAGEM DO SEGUNDO NÍVEL DA UNIDADE AMOSTRAL 100E/110N DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 18: PENEIRAMENTO DO SEDIMENTO PROVENIENTE DAS ESCAVAÇÕES DO SEGUNDO NÍVEL DAS UNIDADES AMOSTRAIS. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 19: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 100E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 20: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 100E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5.
FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 21: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 100E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5.
FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 22: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 90E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5.
FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 23: BASE DO NÍVEL 2 DA UNIDADE 110E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5.
FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021

Dando sequência à escavação do sítio Fazenda Timbutuva 5, após o registro das informações constantes no nível 2 das unidades amostrais, foi dado início à escavação do terceiro nível das unidades. Nas unidades escavadas, o sedimento apresentou textura argilo-arenosa de granulometria média a fina e compactação do solo passando de alta para média. Com relação a materiais arqueológicos, não foram identificados vestígios neste nível.



FIGURA 24: ESCAVAÇÃO DO TERCEIRO NÍVEL DAS UNIDADES AMOSTRAIS DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 25: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 100E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 26: PENEIRAMENTO DE SOLO PROVENIENTE DO TERCEIR NÍVEL – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 27: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 100E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 28: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 100E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 29: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 100E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 30: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 90E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 31: BASE DO NÍVEL 3 DA UNIDADE 110E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021

Com a finalização das escavações para o terceiro nível das unidades amostrais e, dada a não identificação de vestígios arqueológicos neste nível foi dada como encerrada as escavações por níveis artificiais nas unidades: 100E/90N, 100E/100N, 100E/110N, 90E/100N e 110E/100N.

Com a finalização das escavações em níveis artificiais para todas as unidades de pesquisa e, em vias de atestar a esterilidade da área em seus níveis mais profundos, foram perfurados poços-teste de até 50 centímetros em seu interior, os quais resultaram na não identificação de vestígios arqueológicos.



FIGURA 32: ESCAVAÇÃO DE POÇO-TESTE ATÉ 50 CM NA BASE EXPOSTA DAS UNIDADES AMOSTRAIS – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 33: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 100E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 34: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 100E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 35: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 100E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 36: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 90E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 37: POÇO-TESTE ESCAVADO NA UNIDADE 110E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021

Tendo em vista a relevância de ampliar a amostragem das áreas escavadas e explorar o potencial informativo do sítio arqueológico, foram demarcadas e escavadas 12 (doze) sondagens medindo 50x50x30cm. Conforme mencionado, essas intervenções possuem caráter explorativo, e objetivam buscar evidências ainda não captadas na área do sítio arqueológico e contribuir para a caracterização dos depósitos em sua distribuição horizontal e vertical. Como resultado da escavação das sondagens, não foram evidenciados vestígios arqueológicos.



FIGURA 38: ESCAVAÇÃO DAS SONDAGENS EXPLORATÓRIAS – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 39: ESCAVAÇÃO E CRIVAGEM DO SOLO DAS SONDAGENS EXPLORATÓRIAS – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 40: SONDAGEM 100E/70N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 41: SONDAGEM 100E/80N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 42: SONDAGEM 100E/120N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 43: SONDAGEM 100E/130N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 3. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 44: SONDAGEM 130E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 45: SONDAGEM 120E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 46: SONDAGEM 80E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 47: SONDAGEM 70E/100N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 48: SONDAGEM 90E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 49: SONDAGEM 90E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 50: SONDAGEM 110E/110N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 51: SONDAGEM 110E/90N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021

Com encerramento das escavações das sondagens foram realizadas aberturas de 8 (oito) poços teste para complementar a malha de intervenções em subsuperfície nos setores periféricos do sítio arqueológico. Os poços-teste atingiram até 70 cm de profundidade e possuem o intuito de verificar a existência de possíveis vestígios de estruturas em setores limítrofes da área delimitada para o sítio Fazenda Timbutuva 5. Para estas intervenções não foram evidenciados vestígios arqueológicos.



FIGURA 52: ESCAVAÇÃO DE POÇO TESTE – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 53: POÇO-TESTE 60E/100N ESCAVADO NA ÁREA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 54: PERFIL ESTRATIGRÁFICO DE POÇO TESTE 100E/150N – SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 55: SEDIMENTO PROVENIENTE DE POÇO-TESTE ESCAVADO NA ÁREA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021

Após a finalização das escavações dos poços-teste, foram encerrados os trabalhos de resgate arqueológico para as intervenções de subsuperfície. Na sequência, foram realizadas atividades de topografia de relevo e das intervenções realizadas no sítio, bem como, coleta controlada das evidências arqueológicas observadas na superfície do terreno.



FIGURA 56: COLETA CONTROLADA DE MATERIAIS DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 57: TRABALHOS DE TOPOGRAFIA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021

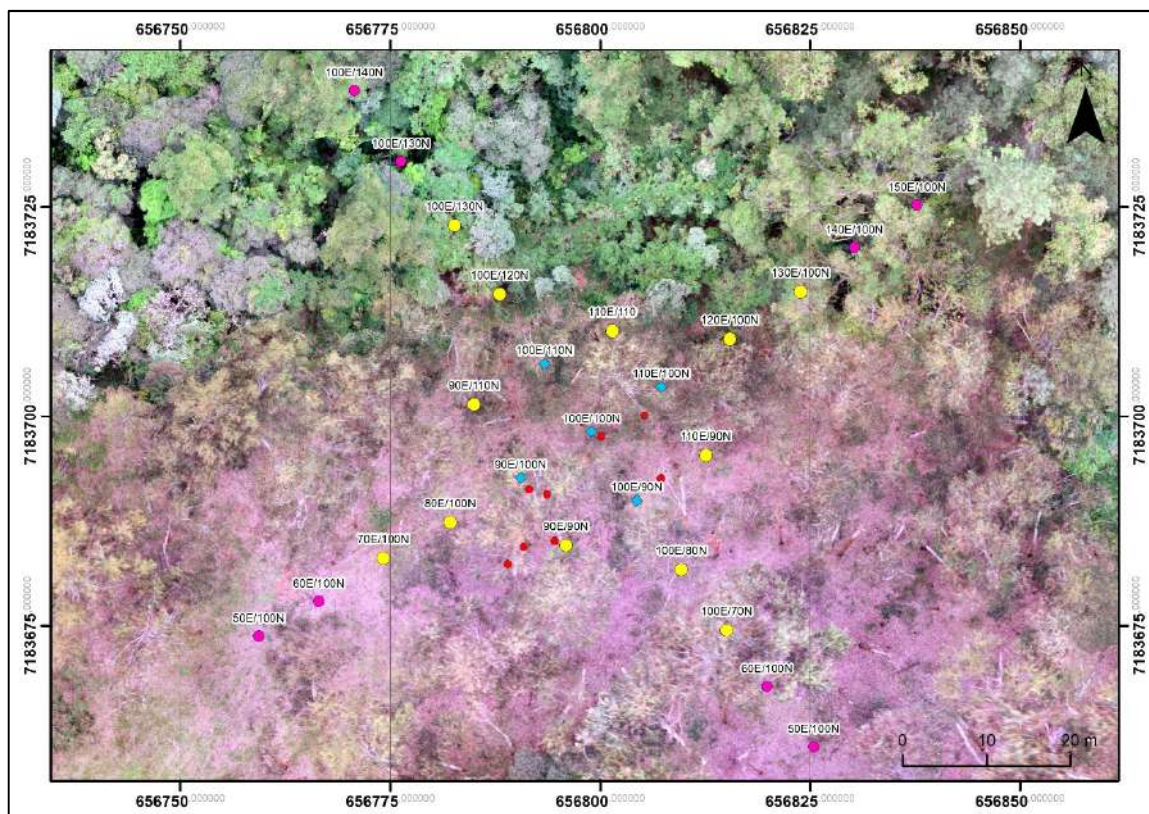


FIGURA 58: CROQUI DAS INTERVENÇÕES EXECUTADAS NA ÁREA DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5

Quanto ao material arqueológico recolhido na superfície do sítio Fazenda Timbutuva 5, foram embalados em sacos plásticos com a respectiva etiqueta de identificação, onde consta o número da peça recolhida e sua tipologia. Ainda em campo, o material arqueológico coletado foi acondicionado em caixa apropriada para o transporte até o laboratório.



FIGURA 59: ORGANIZAÇÃO E ACONDICIONAMENTO DO ACERVO. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



FIGURA 60: MATERIAL ACONDICIONADO EM EMBALAGEM APROPRIADA. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA 2021



Desta forma, foram encerradas as atividades de resgate arqueológico desenvolvidas sobre o sítio Fazenda Timbutuva 5. Nestas atividades, foram escavadas 5 (cinco) unidades amostrais de 1 m², 12 (doze) sondagens exploratórias de 50x50 cm e 8 (oito) poços-teste com 70 cm de profundidade. Como resultado das ações de resgate arqueológico, foram coletados 9 (nove) materiais arqueológicos, sendo proveniente da coleta de superfície. No momento, os trabalhos estão concentrados nas atividades de curadoria e análise em laboratório sobre os bens arqueológicos móveis obtidos no resgate do sítio Fazenda Timbutuva 5.

6 CURADORIA E ANÁLISE DOS BENS ARQUEOLÓGICOS MÓVEIS

Primeiramente, os Bens Arqueológicos Móveis (BAM) provenientes do sítio Fazenda Timbutuva 05 passaram pelas fases laboratoriais correspondentes a: curadoria, análise e acondicionamento, conforme figuras abaixo.



FIGURA 61: FASE DE CURADORIA – HIGIENIZAÇÃO DO MATERIAL. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.



FIGURA 62: FASE DE CURADORIA – MARCAÇÃO DAS PEÇAS COM BASE BRANCA. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.



FIGURA 63: FASE DE CURADORIA – MARCAÇÃO DAS PEÇAS COM ID. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.



FIGURA 64: FASE DE CURADORIA – INDEXAÇÃO DAS PEÇAS. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.



FIGURA 65: FASE DE ANÁLISE – ANÁLISE E PREENCHIMENTO DO PABAM. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.



FIGURA 66: FASE DE ACONDICIONAMENTO – ETIQUETAMENTO E EMBALAGEM. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.

No que tange a organização dos BAM, em observação ao que prevê a Portaria nº 196, de 18 de maio de 2016, no seu anexo II, onde faculta que *“O inventário entregue ao Iphan poderá ser organizado em tabelas ou fichas separadas, desde que respeite os campos estabelecidos”*, a equipe de investigação elaborou uma planilha denominada Planilha de Indexação de Bens Arqueológicos Móveis (PIBAM), onde cada linha corresponde a um BAM e cada coluna a um dos campos correspondentes às fichas da referida portaria. Deste modo, todos os itens constantes no anexo II estão contemplados na PIBAM, na qual a sequência de apresentação obedece à ordem vinda de campo, permitindo, deste modo, correlacionar de forma eficiente os dados de campo com os dados de curadoria e análise.

Além disso, buscando refinar o tratamento analítico dado aos BAM, foi desenvolvida a Planilha de Análise de Bens Arqueológicos Móveis (PABAM). Este documento, que acompanha a PIBAM nos apêndices, é fruto da orientação teórica e metodológica da equipe de investigação, cujos atributos buscam trazer dados interpretativos aos BAM, segundo preceitos teóricos e metodológicos próprios das problemáticas de cada pesquisa arqueológica por esta equipe desenvolvida.

Sendo assim, fazem parte dos apêndices relativos ao cumprimento da Portaria do IPHAN nº 196/16 os seguintes documentos:

- Tabela de atributos usada para o preenchimento da PIBAM – correspondente ao anexo II da Portaria nº 196;

- 
- PIBAM preenchida para cada tipologia de BAM, segundo a proveniência de campo, onde cada linha corresponde a um BAM e cada coluna é um atributo do anexo II da Portaria nº 196/16;
 - Tabela de atributos para o preenchimento da PABAM, correspondente a cada tipologia de BAM: lítico;
 - PABAM preenchida com os dados de cada BAM, segundo a tipologia (lítico), com dados analíticos conforme preceitos teóricos pautados nas problemáticas da pesquisa;
 - Fotos de catálogo, em duas vistas, de cada BAM, agrupados por ordem sequencial segundo a proveniência de campo. As fotos de catálogo fazem relação com a PIBAM, obedecendo a mesma ordem de entrada.

6.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Considerando a tecno-funcionalidade dos BAM provenientes das intervenções de campo, os pressupostos teóricos e metodológicos buscam responder as problemáticas da pesquisa, sendo a base para o preenchimento da PABAM que, para este relatório, contempla os materiais líticos, fazendo correspondência com o texto que segue.

6.1.1 Lítico - definições e metodologia para a análise

Os materiais líticos, de maneira geral, são os mais recorrentes em contextos arqueológicos pré-coloniais. Esta alta incidência é decorrente de alguns fatores, como sua abundância nos mais diversos ambientes, dispostos de maneira primária ou secundária, sua alta resistência aos efeitos pós-deposicionais e o extenso período que os artefatos líticos fazem parte do cotidiano humano, estando presentes desde os primeiros contextos arqueológicos conhecidos até os dias atuais.

Sendo assim, o conhecimento sobre as indústrias líticas tem embasado boa parte dos principais modelos de interpretação comportamental e cultural das ocupações pré-históricas no mundo (CURA, 2014). No Brasil, seu desenvolvimento teve, em relação à Europa, um início posterior, devido ao despertar tardio da arqueologia brasileira e, também, ao interesse dos primeiros trabalhos arqueológicos, marcados pela valorização da cerâmica em detrimento dos materiais líticos.



Ao longo de todo o período de desenvolvimento teórico e analítico da arqueologia, as análises líticas passaram, e continuam passando, por grandes transformações. Estas transformações podem ser classificadas em diferentes “escolas”, de acordo com suas distintas concepções teóricas e metodológicas aplicadas. Tais “escolas” podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

- **Tipológica:** é a metodologia que possibilita reconhecer, definir e classificar as variedades de artefatos presentes no contexto de sítios pré-coloniais. Este tipo de análise classifica um objeto por meio de sua morfologia, inferindo a este uma identidade cultural e cronológica. Seus principais expoentes foram, Bordes (1961), Sonnevile-Bordes e Perrot (1954) e Tixier (1967);

- **Analítica:** com o intuito de tornar os estudos tipológicos mais objetivos, esta “escola” propõe a decomposição dos morfotipos em um sistema hierárquico gradual, resultando em uma síntese morfotécnica, que posteriormente poderia ser agrupada em diferentes categorias hierárquicas (buris, raspadores, furadores, entre outros) (LAPLACE, 1972; LUMLEY, 1971; CARBONNEL et al., 1983);

- **Semiológica:** corrente que influenciou o pós-processualismo, baseada na arqueologia simbólica, na constituição de um vocabulário sem objetivos tipológicos;

- **Taxonômica:** pautada na análise de atributos (Nova Arqueologia), atribuindo tipologias sobre a morfologia. Enquadra-se também nesta “escola” outra corrente baseada na análise de atributos com uma tipologia sobre a morfologia e a tecnologia (SPAULDING, 1953; CURA, 2014);

- **Cadeia operatória:** “escola” francesa que, no contexto das indústrias líticas, considera todos os processos envolvidos, desde a captação da matéria-prima até seu abandono, passando pelas fases de fabricação e uso do artefato. A divisão do processo em fases e sua adequada caracterização técnica permite formular um quadro metodológico e tecnológico de interpretação para cada fase executada (TIXIER, 1980; BOËDA, 1994; PELLEGRIN, 1995; GENESTE, 1991).



Visto o exposto, as análises e considerações sobre o material lítico adotadas neste relatório seguirão a metodologia de estudo utilizada pela escola francesa, pautada na análise de cadeia operatória com base na tecnologia. Apesar disso, não serão descartadas as contribuições das demais “escolas”, como alternativas para a melhor exemplificação de contextos específicos.

O primeiro trabalho a introduzir os conceitos de tecnologia foi escrito por Leroi-Gourhan e publicado em 1943 – *“L’homme et la matière”*, primeiro volume de *“Evolution et techniques”*. Seu objetivo era a busca da ação humana por meio do estudo de seus comportamentos técnicos, sociais ou simbólicos (TIXIER, 1995). A análise tecnológica ganhou espaço a partir dos anos 1990, fortemente influenciada pelas contribuições de Tixier et al. (1980) e Boëda (1994), e passou a ser largamente aplicada aos conjuntos de vestígios líticos. Para Tixier et al. (1980), por meio da interpretação baseada no paradigma tecnológico busca-se alcançar as intenções do artesão ao longo de todo o processo de produção das peças líticas, processo este que desencadeia uma série de etapas subsequentes, que vão desde a coleta da matéria-prima até o abandono do objeto. Ainda, para Boëda (1994), ao se estudarem os conjuntos líticos à luz da abordagem tecnológica, objetiva-se verificar os conhecimentos técnicos e a sequência de movimentos utilizados na produção dos artefatos. Para Hoeltz (2000), no caso da produção de materiais líticos, a técnica é o modo de execução dos gestos do lascamento. Na mesma direção, Mello (2005) propõe que ela pode ser considerada o conhecimento necessário para se obter o resultado esperado, a maneira pela qual os indivíduos fazem coisas ou, ainda, o conjunto de ações para atingir um objetivo físico, químico ou orgânico conhecido.

Em resumo, o que se procura com a tecnologia – estudo da técnica, em sua etimologia – é conhecer a história de produção e uso dos objetos líticos e, a partir disso, fazer inferências sobre os aspectos econômicos, sociais e culturais dos grupos humanos que os produziram e utilizaram. Da mesma forma que Cura (2014, p. 24), acredita-se que os materiais líticos encontrados nos sítios arqueológicos “[...] são reflexo de vários processos dinâmicos resultantes de comportamentos adaptativos e culturais”, portanto, a mera classificação tipológica deles não provê informações que permitam alcançar



determinados aspectos além da sua materialidade. Sendo assim, esta análise parte do princípio que a tecnologia aplicada sobre um material lítico abrange todo um sistema técnico culturalmente estabelecido. Desta maneira, busca-se, por meio do estudo tecnológico, a presença de padrões que possam contribuir para o entendimento das relações humanas e ambientais em períodos pretéritos.

O princípio básico do método das cadeias operatórias foi definido por Tixier, Inizan e Roche em 1980, na obra inaugural *"Préhistoire de la pierre taillée"*. Com o advento da cadeia operatória, as interpretações sobre as indústrias líticas passaram a fornecer melhor conhecimento sobre antigos grupos humanos e sua interação com os seus territórios. Isso se deu por meio de análises quanto aos processos de escolha e seleção da matéria-prima, as várias metodologias de talhe, a identificação das cadeias operatórias, a organização espacial intra-sítio e uma abordagem que considera o contexto regional da economia lítica (TIXIER et al., 1995).

Esta nova "escola" de análise e interpretação lítica, diferentemente da tipologia analítica baseada na morfologia, permitiu identificar um maior espectro de escolhas e variabilidades comportamentais, estando estas relacionadas aos aspectos culturais. É bem verdade que a arqueologia não resgata "a cultura", mas também é inegável que nossos comportamentos e tecnologias fazem parte da nossa cultura, como um reflexo de nossos processos adaptativos. Desta maneira, os conjuntos arqueológicos devem ser compreendidos não de maneira isolada, mas sim como parte de um sistema espacial de captação de matéria-prima, transformação da matéria, utilização e abandono, em um grande ciclo lítico (TIXIER et al., 1995).

Considera-se que o desenvolvimento de uma análise que se ocupe a identificar elementos associados ao processo de obtenção de matéria-prima pode contribuir significativamente para o entendimento geral da dinâmica sociocultural que deu origem ao registro arqueológico. De modo geral, entre outros propósitos, este exame ajuda na determinação dos tipos de matéria-prima trazidos e utilizados em um sítio e permite compreender como os grupos humanos se relacionavam com o ambiente, por



intermédio da identificação de fontes de matéria-prima (RODET; DUARTE-TALIM; SANTOS JÚNIOR, 2013).

Um estudo mais aprofundado das lascas encontradas no contexto arqueológico é fundamental para a indicação das diversas fases da cadeia operatória da produção lítica. Em termos ideais, são, no geral, três fases: debitage, façonagem e retoque. Apesar de não existir um rigor linear quanto à sequência das fases, pode-se definir um limite operacional, ou seja, um início e seu fim (RODET; DUARTE-TALIM; SANTOS JÚNIOR, 2013).

O processo de debitage consiste no fracionamento intencional da matéria-prima, com objetivo de eliminar partes indesejáveis do material; por exemplo, de momentos relacionados à retirada do córtex (descortiçamento) ou, ainda, dos suportes a serem transformados em instrumentos (RODET; DUARTE-TALIM; SANTOS JÚNIOR, 2013). A etapa seguinte trata do início da confecção ou redução inicial (início do lascamento) de núcleos, quando o indivíduo pode transformar o núcleo em utensílio ou obter melhor redução. Há três opções básicas: fabricação do artefato a partir do núcleo e descarte de todas as lascas obtidas com o lascamento; utilização das lascas para a produção dos artefatos e descarte do núcleo já esgotado; ou a utilização de ambos após a redução inicial sem sofrer qualquer modificação (retoques). Os resíduos de lascamento, resultantes dessa etapa, são as lascas primárias (corticais), que apresentam a face externa e/ou o talão parcialmente cortical, juntamente com os núcleos esgotados e abandonados (DIAS, 1994).

Após o fracionamento inicial, dá-se a fase denominada façonagem – do francês, *façonnage*, significa dar a forma, formatar. Seu principal objetivo é, por meio de uma sequência de lascamentos, dar forma e volume ideal, sempre com base em uma imagem mental (RODET; DUARTE-TALIM; SANTOS JÚNIOR, 2013). Esta formalização do artefato ocorre com a retirada de novas lascas sobre as cicatrizes das primeiras, sendo obtidas lascas sem córtex, com cicatrizes dos lascamentos anteriores em seu talão (PROUS, 1986-1990). Segundo Dias (1994), as peças bifaciais e unifaciais, sobre núcleos ou lascas, correspondem a esta etapa de produção. A autora afirma que esta categoria de artefatos pode corresponder a uma etapa anterior à produção de pré-formas ou pode ser utilizada



como artefatos de funcionalidades variadas. As pré-formas são resultantes da etapa de modificação primária, utilizadas para a produção de artefatos complexos.

Na fase de retoque há o lascamento secundário e a formatação opcional (modificação secundária), onde as pré-formas do grupo anterior constituem o ponto de partida desta atividade. As pré-formas sofrem lascamento no acabamento dos gumes dos artefatos, exibindo as formas do produto acabado (COLLINS, 1989-1990). Nestas duas últimas fases, o volume de massa retirado tende a ser menor, à medida que o artefato se aproxima da imagem mental idealizada (RODET; DUARTE-TALIM; SANTOS JÚNIOR, 2013).

A identificação das fases presentes ou ausentes no sítio arqueológico é um dos principais objetivos da análise, dada sua importância na caracterização das atividades no local, indicando se ele foi utilizado como área de coleta de material ou de acabamento das peças (RODET; DUARTE-TALIM; SANTOS JÚNIOR, 2013).

Ao desenvolver as análises do material lítico, é necessário compreender duas variáveis importantes:

A primeira, diz respeito às características micro e macro ambientais. Estas são responsáveis por determinar o tipo de matéria-prima presente naturalmente no local, bem como, as dinâmicas sedimentológicas sofridas em escala microrregional, que auxiliarão a compreender o grau de conservação do contexto arqueológico, identificando-se possíveis bioturbações sofridas;

A segunda, diz respeito às evidências socioambientais presentes no conjunto lítico, que podem indicar a tecnologia de lascamento e os padrões de escolhas na coleta e manuseio, apontando preferências e restrições no uso de certos materiais, que auxiliarão na identificação de modelos de ocupação distintos.

Dessa forma, com o objetivo de obter dados suficientes que permitam identificar, na coleção arqueológica, elementos que caracterizem sua tecnologia, funcionalidade e indiquem sua situação dentro dos estágios da cadeia operatória, elaborou-se um quadro analítico que contempla uma lista de atributos baseada em Tixier (1995), Laming-



Emperaire (1967), Prous (1986-1990), Hoeltz (1996, 2000) e Nunes (2008). Na análise são descritos e interpretados os seguintes elementos, marcados no texto abaixo em **negrito**:

Formas e Medidas

Cada peça lítica tem seu **comprimento, largura e espessura** medidos por meio de paquímetro, em escala de milímetros, sendo também caracterizado sua **forma** predominante.

Matéria-prima

Inicialmente é identificado a **fase geológica** em que a rocha se encontra, divididas entre **ígneas, sedimentar e metamórfica**. Dentro de cada categoria de **matéria-prima**, existe as opções das principais rochas, normalmente encontradas em sítios arqueológicos (podendo ser acrescidas com o aparecimento de novos tipos).

Também são observados os tipos de **alteração** da matéria-prima, quando presentes partes corticais, sendo classificadas em alteração **química, lixiviação, pátina, fratura, falha, inclusão, misto, outros** ou **indeterminado**.

Suas características morfológicas podem indicar além dos possíveis locais de coleta, possíveis preferências quanto a coleta, e distância da fonte primária, podendo inclusive influenciar na escolha de técnicas e métodos de talhe utilizados. Sua **morfologia** pode ser definida como, **anguloso, anguloso arredondado, arredondado, esférico, fragmento, bloco ou geodo**. Algumas fontes, como os geodos, necessitam de uma maior contextualização, podendo estar presente em ambas as fontes (TIXIER, 1995). Afloramentos dispõem de matéria-prima com maior perfil intemperizado e superfícies mais heterogêneas e angulosas.

Suporte

Apesar de estarem presentes em um contexto arqueológico, as análises necessitam confirmar sua origem antrópica, sendo o atributo **natureza** subdividido em **antrópico, não antrópico e outros**.



Quando determinado como **antrópico**, temos as seguintes classificações, **lascado, façonagem, percutor, polido, bigorna, mó, pilão e outros**. Já na categoria **não antrópico**, pode ser classificado como, **matéria-prima seixo, matéria-prima lasca, objeto térmico e cristal**.

Os tipos de **alteração**, dizem respeito ao suporte, portanto, evidências de alteração produzidos após a manipulação do artefato. Podendo ser, **fresco, levemente lixiviado, lixiviado, fortemente lixiviado, pátina, alteração química leve, média e alta**, além de **queima, fogo total e parcial, ou misto**, quando estão presentes mais de uma alteração.

Marcas de **queima** são tratadas separadamente, devido principalmente a importância na determinação do momento em que foi exposto ao fogo. Sendo as opções, **sim pré debitagem, sim pós debitagem, provável pré debitagem e provável pós debitagem**. Comumente são materiais líticos que compunham uma estrutura de combustão, seja delimitando-a, agindo como regulador térmico ou como base de apoio. Em todos os casos, sua identificação parte das marcas de queima ou de fraturas térmicas identificadas. Poucas vezes mencionadas, as rochas queimadas são importantes vestígios da atividade humana, possibilitando, entre outras coisas, a localização de fogueiras onde ações pós-deposicionais tenham apagado evidências como carvão e cinzas (PROUS, 1986-1990). A identificação do momento de exposição, com relação ao talhe, é uma importante informação sobre a indústria lítica e possíveis efeitos tafonômicos.

O atributo **retoque** é tratado especificamente mais adiante na análise, sendo neste momento apenas identificado sua presença como **sim** ou **não**.

A identificação de **quebra**, irá influenciar tanto a definição da morfologia, como padrões indicativos de técnicas de talhe específicos, erros técnicos, ou até mesmo, quebras intencionais. Locais de quebra são definidos como, **distal, mesial, proximal, proximal + mesial, mesial + distal, proximal + distal, lateral direita, lateral esquerda, parcial** ou **fragmento**.



O último atributo referente ao suporte é o tipo de **percussão**, que pode ser, **direta/dura, direta/branda, indireta, pressão e bigorna**.

O lascamento unipolar é feito pelo artesão, que segura um bloco ou núcleo em sua mão ou apoiando nas pernas, escolhendo uma superfície adequada (plano de percussão), batendo nela para a retirada de uma lasca. Para que essa operação seja realizada com sucesso, o ângulo de percussão deve ser igual ou inferior a 90 graus (PROUS, 1986-1990). A depender do domínio da técnica e das intenções do lascador, pode-se utilizar percutores duros ou brandos, que terão como resultado lascas com morfologias distintas e percussão **direta/dura** e **direta/branda**, respectivamente (HOELTZ, 2000).

Lascas bipolares são produtos de debitagem finas, com gumes agudos, cujo talão é substituído por uma linha de esmagamento. As lascas bipolares têm tendência a serem mais retas que as unipolares, e os indícios de lascamento bipolar também podem ser evidenciados por meio da presença de **bigorna**, utilizada para apoiar o núcleo a ser talhado, contribuindo com um reflexo pontual da onda de força empregada pelo percutor (PROUS, 1986-1990). Essa técnica também é utilizada para extração de grandes lascas espessas e criar ângulos em núcleos.

A identificação da técnica utilizada, bem como, sua correlação a diferentes etapas da cadeia operatória ou matérias-primas é uma importante informação que compõe a tecnologia lítica utilizada.

Córtex

Caracterizado como a superfície natural da peça, frequentemente identificada devido aos processos de intemperismo (químico, físico e biológico) e aos desgastes mecânicos naturais sofridos em sua superfície.

O primeiro atributo referente ao córtex diz respeito a **porcentagem**. Limitando-se a **sim** ou **não**, quando tratar-se de núcleos ou façanados. E faixas de porcentagens,



que vão de **25%** a **100%**, quando tratar-se de lascas ou lâminas, sendo as porcentagens referentes a sua superfície dorsal.

A **localização** também sofre influência do tipo de suporte. Lascas são subdivididas em **proximal, mesial, distal e lateral**, bem como, suas possíveis combinações. Núcleos, em **lado de debitagem, lado de percussão** ou **ambos**. Artefatos façoados são divididos em **1 superfície** ou **2 superfícies**, ou **completo**, ainda temos **limitado, variável** ou **total**.

Tipo

O mesmo ambiente pode dispor de vários locais para a captação de matéria-prima, com fontes primárias, afloramentos, fraturas tectônicas, e fontes secundárias, como ambientes fluviais e depósitos aluviais. Cada condição de exposição às intempéries, irá provocar alterações características nos córtex, podendo haver a predominância e um tipo específico, ou mais de um, chamado de **misto**.

Córtex decorrente da ação **hidráulica**, são caracterizados pela intemperização física, mantendo características similares entre córtex e parte interna. Também se caracterizam pela morfologia arredondada e superfície lisa, decorrente da ação de água, abrasão por grãos de areia e rolamentos no leito dos rios.

Desgastes **eólicos** podem ser caracterizados além do arredondamento de suas arestas, pelo desgaste desproporcional entre os componentes da rocha, podendo, em casos de rochas sedimentares, ocorrer desgaste majoritário da matriz e desprendimento de grãos de areia.

A **pátina** surge como uma fina camada biótica ou abiótica, que cobre parcialmente ou completamente a superfície do artefato.

As dinâmicas geológicas, bem como, movimentos de expansão e contração provocados por variações térmicas, são potenciais causadores de fraturas e **falhas** da matéria-prima. Podendo estas, acumular minerais ou outras substâncias, modificando sua composição original, também chamado de neocórtex.



Dados Gerais

Por meio de suas características morfológicas, bem como, de marcas de percussão, presença de córtex, mensuração, entre outros, os materiais são enquadrados em diferentes categorias de **suportes**, como **lasca, núcleo, artefato, debri, lâmina, fragmento e outros**.

Além dos atributos relacionados a tecno-funcionalidade dos artefatos, é importante, quando identificado, a descrição de sua **tipologia**. Essa informação, aumenta a capacidade de correlação entre conjuntos arqueológicos de diferentes contextos, contribuindo com a caracterização da arqueologia regional.

A identificação de negativos, tanto no dorso de lascas, como em núcleos, auxilia na identificação de metodologias de talhe. Para isso, são importantes além do **nº de objetivos** extraídos, também a **direção dos objetivos**, que podem ser, **bidirecional convergente, bidirecional, centrípeto, semi centrípeto, irregular ou único**.

LASCA/LÂMINA

São o resultado, de uma transferência de energia de um percutor para um núcleo, causando o desprendimento de material lítico. Para que o material extraído seja considerado lasca ou lâmina, deve exibir ao menos um dos atributos como, talão, bulbo, lancetas ou onda de força. Para ser considerado **lâmina**, deve ainda, apresentar comprimento superior a 50mm e largura inferior a metade do comprimento. São analisados para este suporte os atributos como: **talão, abrasão do talão, perfil, morfologia, tipo de debordante, local de debordante e erro técnico**.

NÚCLEO

Blocos de matéria-prima, preparados para possibilitar a retirada de uma ou de várias lascas são chamados de **Núcleo**. O núcleo pode ser também utilizado de maneira oportunística como artefato, para execução de alguma atividade, podendo inclusive receber retoques em margens transformativas (LAMING-EMPERAIRE, 1967). Os atributos analisados desse suporte são, **origem, finalidade, nível de exploração, causa**



abandono, volumetria, plano de debitagem %, superfície do plano de percussão, plano de percussão e posição/lado.

Quando um material resultante do talhe, não exibe nenhum dos atributos relacionados as lascas, pode ser considerado um **fragmento**, considerando seu caráter não intencional e sem morfologia definida. Devido a sua falta de intencionalidade, os atributos analisados limitam-se a sua identificação.

São entendidos como **debri**, lascas inteiras ou com pequenas quebras que não comprometam a mensuração de seu comprimento, que deve ser inferior a 10mm. Esses suportes, tendencialmente, são associados as fases da cadeia operatória de façonagem e retoque.

RETOQUE TECNOLÓGICO

O retoque é o lascamento com função de dar forma e poder cortante ao gume do artefato. A depender do tipo e função exercida, o artefato pode apresentar retoques restritos a algumas áreas ou estar presente em toda a extensão das bordas. Seus atributos analisados são, **margem, posição, extensão, ângulo, sequência e perfil.**

MARCAS DE USO

Em muitos casos, as características das arestas do artefato são compatíveis ao seu uso, sem que haja, a necessidade da aplicação de retoques tecnológicos. Podendo ser resultado de desgaste, polimento, lascamento, picoteamento ou maceração. Nesses casos, os chamados retoques funcionais, podem exibir padronizações de uso, ou até mesmo, indicar sob qual superfície a ferramenta foi utilizada. São analisados para as marcas de uso os seguintes atributos, **margem, posição e sequência.**

É considerado artefato/ferramenta, todo material lítico que foi utilizado ou apresenta a intenção de ter sido. Os principais atributos que classificam uma peça como artefato são: formato característico, marcas de façonagem, marcas de retoque e marcas de uso. Basicamente, podem ser enquadrados em quatro categorias distintas: a primeira é a do artefato lascado, com origem do processo de lascamento, apresentando negativos



de formatação, retoque ou apenas marcas de uso; a segunda trata dos artefatos polidos, na maior parte das vezes encontrados no formato de lâminas de machado e mão de pilão, com superfície moldada por meio de abrasão com outras rochas; a terceira categoria é a dos artefatos brutos, empregados sem uma prévia formatação, utilizando-se de sua forma natural; por fim, a quarta categoria é a dos artefatos picoteados, que podem adquirir essa característica por meio de sua utilização ou pelos processos de formatação por picoteio (HOELTZ, 2000).

FAÇONAGEM

Os artefatos podem ser classificados como curados/formais ou expediente/informal. Os artefatos curados/formais, são os que passaram pela etapa de **façonagem**, correspondendo a um maior investimento em sua formatação e retoque, sendo produzidos anteriormente ao seu uso e com menor índice de descarte (ANDREFSKY, 1991; 2008; DIAS, 2003; BINFORD, 1978). É comum nessa categoria de artefato, a identificação de padrões morfológicos, frequentemente correspondentes a tipologias conhecidas. São analisados os seguintes atributos, **suporte, morfologia 3D, perfil lateral, margem trabalhada, função, margem funcional, retiradas, funcionalidade e tipologia**.

POLIDO

Dentre os materiais líticos que compõem o contexto arqueológico, não são raras a presença de ferramentas que não exibem marcas de talhe. A frequência com que materiais polidos são identificados, sofre grande influência dos diferentes modelos econômicos adotados, disponibilidade de matéria-prima e características culturais, específicas dos grupos responsáveis pelos vestígios estudados. Quando presente no contexto, o material polido é analisado de acordo com os seguintes atributos, **posição/lado, nº de plataformas, plataforma analisada, tipo, desgaste horizontal, desgaste vertical, largura (mm), Comprimento (mm), profundidade (mm), sobreposição e sulcos**.



DESCRIÇÃO

Afim de compreender o maior número possível de informações a respeito dos materiais arqueológicos, e tendo ciência de sua imensa pluralidade, muitas vezes é necessário que o pesquisador realize uma pequena **descrição**, contendo informações relevantes para a pesquisa e anotações que não foram contempladas pela lista de atributos utilizada.

CONJUNTO

Os materiais foram agrupados em **conjuntos**, de acordo com os tipos de matéria-prima, suporte, tipologia, morfologia dos retoques, técnicas e metodologias de talhe aplicadas, a fim de melhor interpretação do contexto pesquisado, facilitando a identificação das tecnologias e funcionalidades distintas. As categorias de classificação, foram definidas de acordo com o referencial teórico e a interpretação do pesquisador, para uma melhor descrição das características tecno-funcionais do contexto arqueológico, bem como, sua correspondência às diferentes fases da cadeia operatória.

A lista de análise apresentada acima, não impede a adição de novos atributos, que auxiliem na descrição e contemple as particularidades dos artefatos analisados. Sendo de responsabilidade do pesquisador a definição de parâmetros e correta interpretação dos dados.

6.2 ANÁLISE DO MATERIAL PROVENIENTE DO SÍTIO TIMBUTUVA 5

O sítio arqueológico está implantado no topo de uma ondulação, em média vertente, em terreno com declividade, na margem direita de um afluente do Rio Timbutuva. Atualmente o local é utilizado para reflorestamento de espécies exóticas com fins comerciais, uso iniciado posteriormente à identificação do sítio, na etapa de diagnóstico arqueológico. Durante a aplicação das metodologias de resgate propostas para o contexto arqueológico Fazenda Timbutuva 05, foram identificados um total de 09 materiais líticos, todos dispostos superficialmente.



FIGURA 67: VISTA GERAL DO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 05. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.

Estes materiais passaram pelas fases de curadoria e análise, sendo higienizados, marcados, indexados, catalogados e analisados conforme protocolo laboratorial e metodologias específicas já referenciadas, cujos resultados podem ser vistos a seguir, demonstrados em textos, tabelas, figuras e fotos de catálogo.

6.2.1 Resultados da análise do material lítico do Sítio Fazenda Timbutuva 05

Os materiais foram agrupados em conjuntos, de acordo com tipos de suporte, tipologia, morfologia dos retoques, técnicas e metodologias de talhe aplicadas, a fim de melhor interpretação do contexto pesquisado, facilitando a identificação das tecnologias e funcionalidades distintas. As categorias de classificação, foram definidas de acordo com o referencial teórico e a interpretação do pesquisador, para uma melhor descrição das características tecno-funcionais do contexto arqueológico.

Os conjuntos serão apresentados segundo a classificação por tecnologia e funcionalidade, cuja descrição sumária pode ser vista a seguir em 3 conjuntos, sendo eles:



Quartzo

- 1 – Núcleo em quartzo (03 peças);
- 2 – Lasca em quartzo (03 peças);
- 3 – Fragmento em quartzo (03 peças);

Desta maneira, serão apresentados e discutidos, os conjuntos com características semelhantes, que contribuirão para caracterização tecno-funcional do acervo.

Quartzo

L1 – Núcleo em quartzo com plano unidirecional (03 peças)

Matéria prima – Quartzo leitoso, presentes no interior de formações graníticas, sem evidências corticais possíveis de associação a locais de captação.

Técnica – técnica de percussão sob bigorna.

Metodologia – Sob a matéria-prima, foram aplicados uma sequência de talhes, tendo apenas um plano de percussão cortical e liso, debitado unidirecionalmente com percussão sob bigorna em todos os seus lados, exibindo negativos de 4 e 2 lascas objetivo, explorados até seu nível final e pleno-final. Sua morfologia, bem como, a metodologia de talhe aplicada, sugerem uma preparação dos suportes para aplicação estandardizada das debitagens

Funcionalidade – sua principal funcionalidade foi a extração de lascas compridas. Segue abaixo, figura com alguns dos artefatos descritos.



FIGURA 68: NÚCLEO COM PLANO UNIDIRECIONAL - FAZENDA TIMBUTUVA 05. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.



L2- Lasca em quartzo (03 peças)

Matéria prima – Quartzo leitoso, presentes no interior de formações graníticas, sem evidências corticais passíveis de associação a possíveis locais de captação.

Técnica – técnica de percussão bigorna.

Metodologia – lascas extraídas sob plano de percussão liso, sem abrasão de talão, resultando em um perfil direto, sendo todas as três lascas com quebra distal. Sua face dorsal não exibe negativos objetivos.

Funcionalidade – sem funcionalidade identificada. Segue abaixo, figura com alguns dos artefatos descritos.

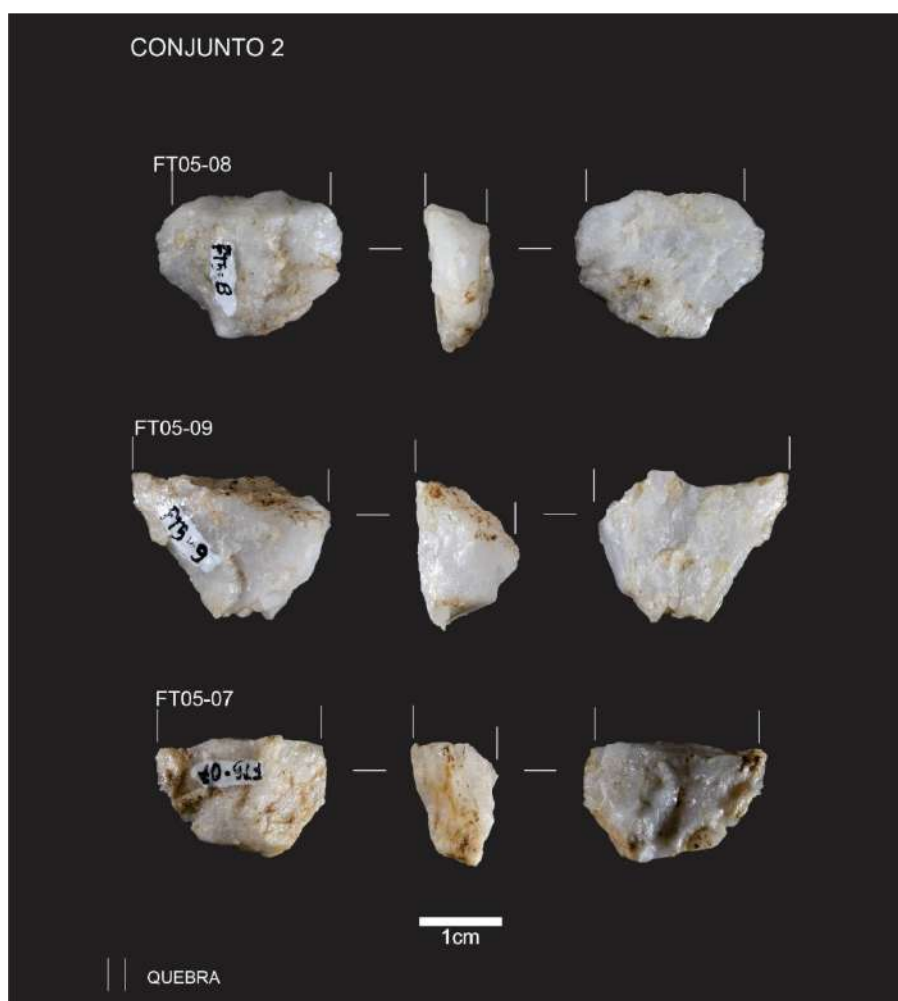


FIGURA 69: LASCA - FAZENDA TIMBUTUVA 05. FONTE: ESPAÇO ARQUEOLOGIA, 2021.



L3 – Fragmento em quartzo (03 peças)

Matéria prima – Quartzo leitoso, presentes no interior de formações graníticas, sem evidências corticais passíveis de associação a possíveis locais de captação.

Técnica – sem técnica de percussão identificada.

Metodologia – sem metodologia de talhe identificada.

Funcionalidade – sem funcionalidade identificada. Segue abaixo, figura com alguns dos artefatos descritos.

6.2.2 Planilha de Indexação de Bens Arqueológicos Móveis - Sítio Fazenda Timbutuva 05

PIBAM - Planilha de Indexação de Bens Arqueológicos Móveis - Documento Equivalente ao Anexo II da Portaria 196																																		
DADOS DE CAMPO						DADOS DE INDEXAÇÃO																												
Sigla do Sítio	Número de Proveniência	Setor/Área	Intervenção	Nível	Recolha	UTM			Nº de Registro	Nº de Catálogo	Conjunto	Denominação	Descrição	Categoria	Subcategoria	Materiais	Cor	Técnica de Produção	Decoração	Integridade	Estado de Conservação	Intervenções Sofridas	Recomendações de Cor	Involúcro/Acondicionamento	Armazenamento	Inscrições e Marcas de Identificação	Filiação Cultural	Peso (g)	Medidas					
						X	Y	Z																					Área (m²)	Comprimento (mm)	Largura (mm)	Espessura (mm)	Forma	
			Q - quadricula	01 - 10cm	Platagem							Cerâmica	Argila elevada à temperatura superior a 573 ±5°C	Artefato	Construção/Arquitetônica	Cerâmica	Monocromático	Lascado	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização a seco	Manter em local seco ao abrigo de luz em temperatura estável	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa de papelão	Indet.	Indet.							
			S - sondagem	10 - 20cm	Peneira							Lítico	Rochas alteradas por ação antrópica	Ecofato	Insignias	Lítico	Policromático	Roletado	Alisado	Fragmento	Regular	Higienização com água	Tecido não tecido de polipropileno (TNT)	Caixa de papelão livre de ácido ou pH neutro	Sim	Itararé/Taquara	Triângulo							
			T - trincheira	30 - 40cm								Porcelana	Pasta cerâmica com base em Caulim, elevada à temperatura média de 1400°C	Bioarqueológico	Objetos cerimoniais	Vidro	Indet.	Moldado	Brunido	Reconstruído	Ruim	Colagem/Reflexão	Não tecido de polietileno de alta densidade (Tyvek)	Caixa de polipropileno colorida (polionda)	Não	Tupi-guarani	Quadrado							
			Faiança	Pasta cerâmica branca com vitrificação								Estrutura/Feição	Transporte	Borracha	Modelado	Pintado	Reconstruído Parcial	Péssimo	Restauração/Construção	Plástico Bolha	Caixa de polipropileno sem coloração (polionda)			Retângulo										
			Plástico	Polímero sintético derivado do petróleo								Sedimento/Solo	Objetos pessoais	Carvão	Polido	Corrugado	Dessalização	Papel	Caixa plástica (marfinitite)			Losango												
			P - poço-teste	50 - 60cm								Metal	Liga metálica caracterizada pela sua boa condutividade térmica e elétrica	Arqueobotânico	Castigo/Penitência	Faiança	Picoteado	Escovado	Remoção	Papel livre de ácido ou pH neutro	Não possui			Círculo										
			C - coleta de superfície	Couro								Pele animal curtida	Zooarqueológico	Medição/Registro/Observação/Processamento	Porcelana	Torneado	Ungulado	Consolidação	Espuma de polietileno	Outros			Oval											
				Concreção								Condensação de partes em um corpo sólido	Couro	Embalagens/Recipientes		Perfurado	Incisão	Estabilização	Manta acrílica				Trapézio											
				Vidro								Fusão de, SiO2, Na2CO3 e CaCO3, à temperatura média de 1250°C		Amostras/Fragmentos	Fóssil	Taxidermizado	Impressão	Outros	Papel alumínio				Cilíndrico											
				Borracha sintética								Polímero poli-isopreno derivado do petróleo		Alimentação	Madeira	Forjado	Plástica	Não se aplica					Amorfo											
				Cerâmica Grés								Pasta cerâmica muito fina, refratária de e baixa absorção		Medicinal	Malacológico	Fundido	Punção																	
				Fauna								Material de origem animal		Pintura	Metal	Assoprado	Aplique																	
				Resina								Seiva vegetal sólida		Escultura	Osso	Tecido	Engobe																	
				Vegetal								Material de origem vegetal		Indeterminado	Papel	Indeterminado	Estêncil																	
															Sedimento			Entalhe																
															Plástico																			
															Têxtil																			
															Flora																			
															Fauna																			
															Indeterminado																			

Planilha de Indexação de Bens Arqueológicos Móveis

Sítio: Fazenda Timbutuva 05

Número do processo: 01508.000926/2016-22

Endereço (Espaço Arqueologia): Germano Siebert, 645 - Centro, Tubarão - SC, 88701-640

Instituição de Guarda: Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história – UEM

Endereço (Instituição de Guarda): Avenida Colombo, 5790 - Jardim Universitário, Maringá - PR, CEP 87020-900

Arqueólogos Coordenadores: Valdir Luiz Schwengber

Bacia Hidrográfica:Alto Iguaçu

Data de Indexação: 2021/11

DADOS DE CAMPO									DADOS DE INDEXAÇÃO																												
Sigla do sítio	Número de Proveniência	Setor/Área	Intervenção	Nível	Recolha	UTM			Nº de Registro	Nº de Catálogo	Conjunto	Denominação	Descrição	Categoria	Subcategoria	Materiais	Cor	Técnica de Produção	Decoração	Integridade	Estado de Conservação	Intervenções Sofridas	Recomendações de Conservação	Invólucro/Acondicionamento	Armazenamento	Inscrições e Marcas de Uso	Filiação Cultural	Peso (g)	Medidas								
						X	Y	Z																					Área (cm²)	Comprimento (mm)	Largura (mm)	Espessura (mm)	Forma				
FTS	1	1	C	0	Plotagem	656807,31	7183692,507	947,69	FTS_01	1/3	1	Lítico	*Lítico	Artefato	Amstras/Fragmentos	Lítico	Monocromático	Vide planilha de análise	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização com água	Recomendação 1	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa plástica (marfinitite)	Vide planilha de análise	Indet.	24	-	35	23	15	Triângulo				
FTS	1	1	C	0	Plotagem	656800,17	7183697,509	946,287	FTS_02	1/3	1	Lítico	*Lítico	Artefato	Amstras/Fragmentos	Lítico	Monocromático	Vide planilha de análise	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização com água	Recomendação 1	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa plástica (marfinitite)	Vide planilha de análise	Indet.	35	-	45	32	16	Retângulo				
FTS	1	1	C	0	Plotagem	656805,31	7183700,057	945,953	FTS_03	3/3	3	Lítico	*Lítico	Artefato	Amstras/Fragmentos	Lítico	Monocromático	Vide planilha de análise	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização com água	Recomendação 1	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa plástica (marfinitite)	Vide planilha de análise	Indet.	3	-	22	10	6	Indet.				
FTS	1	1	C	0	Plotagem	656797,88	7183699,285	945,724	FTS_04	3/3	3	Lítico	*Lítico	Artefato	Amstras/Fragmentos	Lítico	Monocromático	Vide planilha de análise	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização com água	Recomendação 1	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa plástica (marfinitite)	Vide planilha de análise	Indet.	2	-	20	12	6	Indet.				
FTS	1	1	C	0	Plotagem	656793,74	7183690,591	947,073	FTS_05	3/3	3	Lítico	*Lítico	Artefato	Amstras/Fragmentos	Lítico	Monocromático	Vide planilha de análise	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização com água	Recomendação 1	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa plástica (marfinitite)	Vide planilha de análise	Indet.	1	-	16	18	5	Triângulo				
FTS	1	1	C	0	Plotagem	656790,95	7183684,371	947,859	FTS_06	1/3	1	Lítico	*Lítico	Artefato	Amstras/Fragmentos	Lítico	Monocromático	Vide planilha de análise	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização com água	Recomendação 1	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa plástica (marfinitite)	Vide planilha de análise	Indet.	10	-	23	22	12	Indet.				
FTS	1	1	C	0	Plotagem	656794,64	7183685,053	948,109	FTS_07	2/3	2	Lítico	*Lítico	Artefato	Amstras/Fragmentos	Lítico	Monocromático	Vide planilha de análise	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização com água	Recomendação 1	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa plástica (marfinitite)	Vide planilha de análise	Indet.	3	-	20	14	7	Triângulo				
FTS	1	1	C	0	Plotagem	656791,57	7183691,206	946,771	FTS_08	2/3	2	Lítico	*Lítico	Artefato	Amstras/Fragmentos	Lítico	Monocromático	Vide planilha de análise	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização com água	Recomendação 1	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa plástica (marfinitite)	Vide planilha de análise	Indet.	4	-	22	17	6	Triângulo				
FTS	1	1	C	0	Plotagem	656789,04	7183682,35	947,952	FTS_09	2/3	2	Lítico	*Lítico	Artefato	Amstras/Fragmentos	Lítico	Monocromático	Vide planilha de análise	Não se aplica	Inteiro	Bom	Higienização com água	Recomendação 1	Saco Plástico (PE ou poliéster)	Caixa plástica (marfinitite)	Vide planilha de análise	Indet.	4	-	24	19	10	Triângulo				

Legenda:

Q - quadrícula

T - trincheira

P - poço teste

C - coleta de superfície

*Cerâmica - Argila elevada à temperatura superior a 573 ± 5°C

*Lítico - Rochas alteradas por ação antrópica

*Porcelana - Pasta cerâmica com base em Caulim, elevada à temperatura média de 1400°C

*Faiança - Pasta cerâmica branca com vitrificação

*Plástico - Polímero sintético derivado do petróleo

*Metal - Liga metálica caracterizada pela sua boa condutividade térmica e elétrica

*Couro - Pele animal curtida

*Concreção - Condensação de partes em um corpo sólido

*Vidro - Fusão de, SiO2, Na2CO3 e CaCO3, à temperatura média de 1250°C

*Borracha Sintética - Polímero poli-isopreno derivado do petróleo

*Cerâmica Grês - Pasta cerâmica muito fina, refratária de e baixa absorção

*Fauna - Material de origem animal

*Resina - Seiva vegetal sólida

*Vegetal - Material de origem vegetal

Recomendação 1 - Manter em local seco ao abrigo de luz em temperatura estável

() Não se aplica



6.2.3 Planilha de Análise de Bens Arqueológicos Líticos - Sítio Fazenda Timbutuva 05

[illegible]



6.2.4 Fotos de Catálogo – Sítio Fazenda Timbutuva 05







6.3 DISCUSSÃO

Conforme descrito nas páginas anteriores, por meio da aplicação das metodologias propostas para as intervenções de salvamento, um número reduzido de bens arqueológicos pôde ser identificado e resgatado (03 pequenos núcleos, 03 lascas e 03 fragmentos, sendo todos em quartzo leitoso), reduzindo, da mesma forma, as interpretações acerca da tecnofuncionalidade dos materiais líticos. Desta maneira, optou-se por uma discussão integrada dos dados arqueológicos do Fazenda Timbutuva 05, com os dados já discutidos pelo relatório anterior dos sítios Fazenda Timbutuva 02, Fazenda Timbutuva 03, Fazenda Timbutuva 04, Fazenda Timbutuva 06 e Fazenda Timbutuva 07, que possibilite uma caracterização tecno-funcional dos materiais líticos presentes na área da pesquisa.

Seguindo o método de análise em que se preza pelas etapas da cadeia-operatória, características relacionadas as matérias-primas, como tipo e fontes de coleta, são os primeiros atributos analisados. Quanto a matéria-prima alterada pela ação humana, destaca-se a totalidade dos artefatos em quartzo leitoso, com ocorrência natural para a região seja em fontes primárias ou secundárias.

Com dureza absoluta no valor de 100, e dureza 7 na escala Mohs (de 1 a 10), nessa região o quartzo tem sua formação ligada a veios incrustados em rochas graníticas. Por ser um mineral de pH ácido e composto predominantemente por SiO_2 , apresenta pouca interação química e física com o ambiente, tendo por consequência um grande poder de resistir às intempéries do tempo, podendo ser encontrados na forma de seixos, drusas e matacões que afloram nas encostas.

No acervo estudado, o quartzo ocorre em um total de três tipos de suportes, com as mesmas quantidades: núcleos, lascas e fragmentos. Para o contexto pesquisado, não foi identificado a presença de artefatos formais.

Os resultados das análises e interpretações quanto aos bens do sítio Fazenda Timbutuva 05, exibem mesma tecnofuncionalidade do contexto local, evidenciado pela



análise de outros 5 sítios apresentados em relatório anterior, deste mesmo projeto. Desta maneira, segue abaixo a descrição dos conjuntos líticos, bem como, a identificação de outros contextos arqueológicos com ocorrência de conjuntos análogos.

Núcleo com plano unidirecional: chama a atenção o alto nível de standardização da tecnologia aplicada aos núcleos. Esses suportes não tem sua origem da matéria-prima determinada devido à falta de alterações superficiais. De maneira geral, os núcleos apresentaram um único plano de percussão unidirecional, talhados com técnica sob bigorna, com retiradas sequenciais abrangendo todos ou mais de um de seus lados. Todos apresentam como funcionalidade a extração de lascas compridas. Artefatos com essas características são encontrados nos contextos Fazenda Timbutuva 02, Fazenda Timbutuva 04 e Fazenda Timbutuva 07.

Lasca: suportes talhados sob bigorna, com talão liso sem abrasão e tamanho variando entre mediano e pequeno, apresentando majoritariamente quebra distal. Devido as características físicas do quartzo, apresentam estigmas relacionados ao talhe de maneira discreta, com pouca ou nenhuma projeção de bulbo e ondas de força interrompidas pela estrutura cristalográfica. Conjuntos similares a estes, são encontrados nos sítios Fazenda Timbutuva 02, Fazenda Timbutuva 03, Fazenda Timbutuva 06 e Fazenda Timbutuva 07.

Fragmento: a principal característica desse suporte é sua falta de estigmas com associação as lascas e núcleos, como talão, bulbo, ondas de força, lancetas ou negativos de lascas. Constituem, portanto, conjuntos similares, com ou sem marcas de retoque, e são encontrados nos sítios Fazenda Timbutuva 02, Fazenda Timbutuva 06 e Fazenda Timbutuva 07.

Muitas vezes um pesquisador é surpreendido em certas regiões, pela baixa quantidade ou qualidade dos materiais líticos para o talhe. Essa situação, na maior parte das vezes, apresenta reflexos diretos na qualidade dos instrumentos, com predomínio de suportes “inclassificados”, “inclassificáveis” ou lascas. Frequentemente, a explicação para esses ocorridos são as características da matéria-prima disponível e as técnicas de lascamento utilizadas. Em materiais de qualidade inferior as possibilidades de



lascamento são restritas e, nesses casos, é preciso identificar os “tipos ideais” de lascamento para, em seguida, traçar os parâmetros para as análises (MANSUR, 1986; 1990).

Os tipos arqueológicos estão diretamente ligados ao método de produção aplicado. Para Tixier (1999), o método refere-se a qualquer sequência cuidadosamente pensada de ações inter-relacionadas, cada uma das quais é levada a cabo de acordo com uma ou mais técnicas. Frequentemente, a aplicação de um método implica num esquema conceitual elaborado levando em consideração uma série de fatores, desde a composição dos produtos utilizados até as características do produto. Claramente, o que deve ser identificado é a predeterminação.

Apesar da ausência de características corticais que indiquem as prováveis fontes de captação de matéria-prima dos contextos estudados, as particularidades da geologia local sugerem uma origem autóctone, sendo coletados em fonte primária, na própria região ou local do sítio. Apesar de quimicamente favoráveis ao lascamento, o quartzo, apresenta limitações quanto ao talhe, seja por sua estrutura cristalográfica que restringe a continuidade das ondas de força, ou por sua presença em pequenos veios com alto nível de fraturas, sendo uma de suas principais qualidades, a produção de arestas extremamente cortantes e ângulos naturais de alta dureza.

Por meio dos diversos dados obtidos nessa pesquisa, é possível realizar algumas interpretações. As características do contexto arqueológico pesquisado, seus atributos estratigráficos, densidade e quantidade de bens arqueológicos, bem como, seu local de implantação na paisagem, indica um contexto arqueológico com características não habitacionais ou de curta duração. Esta interpretação é corroborada pela exploração lítica de maneira oportunística e pouco densa.

O baixo nível de conservação dos contextos e a diminuta quantidade de bens arqueológicos identificados, comprometem uma melhor compreensão das dinâmicas humanas no território, que possivelmente fazem parte de um sistema de assentamento, com especificidades e funcionalidades não visíveis arqueologicamente. Apesar das



dificuldades citadas, cabe mencionar uma hipótese compatível com os dados descritos até o momento.

Chama a atenção, seus atributos de implantação na paisagem, estando localizados em topo de ondulações ou divisores de águas, sem uma associação direta a corpos hídricos. Locais como estes, são reconhecidos como rotas de deslocamento pelo território, pois apresentam menor número de obstáculos como rios e córregos. Esta informação, associada a homogeneidade das características já citadas, como o caráter efêmero das ocupações, podem indicar que produção dos contextos arqueológicos pesquisados estejam relacionados ao deslocamento desses grupos pelo território. Neste caso, sítios habitacionais se localizariam próximos as principais fontes de água da região. A continuidade das pesquisas na região, podem trazer novas informações que corroboram ou não essa hipótese.

Projetos de proteção ao patrimônio arqueológico, relacionados ao licenciamento ambiental, dão a oportunidade de prospectar, identificar e pesquisar, sítios arqueológicos em um território amplo, permitindo uma percepção abrangente do contexto arqueológico em que os sítios estão inseridos, e contribuindo com as discussões acerca do uso da paisagem. Futuras pesquisas arqueológicas em diferentes ecozonas, desta mesma região, ou a identificação de contextos habitacionais ceramistas próximos aos rios, poderiam contribuir para compreensão dos diferentes usos do território por esses antigos grupos.



7 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

No presente relatório complementar de pesquisa arqueológica apresentaram-se os resultados obtidos a partir das atividades de salvamento arqueológico desenvolvidas sobre a área do sítio Fazenda Timbutuva 5, situado na área de implantação do empreendimento imobiliário Alphaville Paraná Residencial Sul e Norte.

As atividades de salvamento arqueológico, que incluem as escavações e as ações curadoria e análise, seguiram os pressupostos teórico-metodológicos previstos em projeto e foram orientadas a atender ao disposto no Art. 6º da Portaria IPHAN nº 230/2002; Portarias IPHAN nº 196/2016 e 316/2019, bem como, as demais orientações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com relação à pesquisa e a proteção do patrimônio arqueológico. Destaca-se que as informações geradas nesta pesquisa, tem o objetivo de contribuir para as discussões a respeito da ocupação pré-colonial e a preservação do patrimônio histórico e cultural do Planalto de Curitiba.

Reiterando o que fora informado ao longo desse relatório, as atividades desenvolvidas sobre o sítio Fazenda Timbutuva 5 seguiram os mesmos pressupostos teóricos e metodológicos aplicados nos sítios anteriormente escavados, e descritos no Relatório que antecede esse.

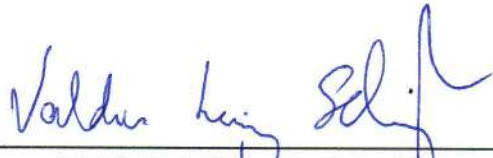
Ainda, cumpre informar que a ficha de cadastro nacional de sítio arqueológico segue anexada ao presente relatório pesquisa, com os dados atualizados, devidamente assinada e em arquivo digital.

No que concerne às atividades de implantação do empreendimento, informa-se que nenhuma ação foi iniciada até o momento e que, logo que iniciadas, este Instituto será informado e todas as atividades que resultem em movimentação de solo serão integralmente acompanhadas pelo monitoramento arqueológico.

Sendo assim, por meio do presente relatório final de pesquisa, apresentaram-se as atividades de salvamento arqueológico executadas em campo, assim como, as atividades de curadoria e análise desenvolvidas em laboratório sobre os materiais



arqueológicos provenientes do sítio arqueológico Fazenda Timbutuva 5, estando o acervo de material arqueológico proveniente desta pesquisa, pronto para ser entregue à instituição de guarda.



Valdir Luiz Schwengber, Dr.
Arqueólogo Responsável



REFERÊNCIAS

- ANDREFSKY, W. Inferring trends in prehistoric settlement behavior from lithic production technology in the southern plains. **North American Archaeology** 12 (2): 129-144, 1991.
- ANDREFSKY, W. **Lithic Technology: Measures of Production, Use and Curation**. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 2008.
- BALHANA, A. P.; NADALIN, S. O. A imigração e o processo de urbanização em Curitiba. **Anais do VII Simpósio Nacional da ANPUH**. Belo Horizonte, 1974, p. 527-536.
- BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, v. 44, p. 32-51, 1999-2000.
- BEBER, M. V. **O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé**. São Leopoldo: UNISINOS. Tese de doutorado, 2004.
- BEHLING, H. South and southeast Brazilian grasslands during Late Quaternary times: a synthesis. **Paleogeography, paleoclimatology, paleoecology**, n° 177, 2002, p. 19-27.
- BINFORD, L. R. **Nunamiut ethnoarchaeology**. New York: Academic Press, 1978.
- BOËDA, E. **Le concept Levallois: variabilité des méthodes**. Paris: CNRS Éditions, 1994.
- BONOMO, M.; ANGRIZANI, R. C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F. S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*, n. 356, 2014, p. 54-73
- BORDES, F. **Typologie du paléolithique ancien et moyen**. Bordeaux. 1961
- BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Portaria nº 230, de 17 de dezembro de 2002**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=337>>. Acesso em: 14 de abril de 2015.
- CALDARELLI, S.; HERBERTS, A. L. Estruturas habitacionais escavadas na bacia do rio Chapecó, extremo oeste catarinense. **Pesquisas, Antropologia**, 56, 2002, p. 139-156.
- CARBONELL, E., GUIBAULD, M.; MORA, R. (1983): **Utilización de la Lógica Analítica para el estudio de Tecno-complejos a cantos tallados**. Cahier noir. Girona, C.R.P.E.S. 1: 1- 63, 1983.
- CHMYZ, I.; CHMYZ, J. C.; SGANZERLA, E. M.. O Projeto Arqueológico Passaúna, Paraná. Nota Prévia. **Arqueologia**, v. 5, n. 1, p. 35 - 42, 1986.
- COOLINS, M. B. **Una propuesta conductal para el estudio de la arqueología litica**. Etnia. Buenos Aires. 1989/1990.



CURA, S. R. M. **Tecnologia lítica e comportamento humano no pleistocénico médio final do Alto Ribatejo**: estudo da indústria lítica da Ribeira da Ponte da Pedra. 2014. Tese (Doutoramento em Quaternário, materiais e cultura) - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

DIAS, Adriana Schimidt. **Repensando a Tradição Umbu a partir de um estudo de caso**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

DIAS, A. S. **Sistema de assentamento e estilo tecnológico**: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.,

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. Brasília: SPI, 2006.

FACCIO, N. B.; LOPES, P. R. O sistema de ocupação regional do Vale do Rio Paranapanema no período pré-colonial. In: 10º Encontro de Geógrafos da América Latina (Anais...). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005, p. 4699-4714.

FORTES, P. H. R. **Entre política indígena e a política indigenista**: um estudo sobre as relações políticas entre índios e não índios em Curitiba no Século XX. Curitiba: UFPR. Dissertação de mestrado, 2014.

GENESTE, J. M. **Systèmes techniques de production lithique**: variations technico-économiques dans les processus de réalisation des outillages paléolithiques. Techniques et culture, n. 17-18, p. 1-35, 1991.

HEEP, M. **Estudo arqueológico da ocupação Guarani no Vale do Rio Tibagi**. Curitiba: UFPR. Dissertação de mestrado, 2012.

HOELTZ, Sirlei Elaine. Análise das indústrias líticas. In: MONTICELLI, Gislaine (Org.). **Pesquisas arqueológicas do Gasoduto Uruguaiana-Porto Alegre: Fase I, trechos 1 e 3. Relatório final**. Porto Alegre: PUCRS, v.1, 2000.

HOELTZ, S. **As tradições Umbu e Humaitá**. Releitura das indústrias líticas das fases Rio Pardo e Pinhal através de uma proposta alternativa de investigação. In: Anais VIII Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Arqueologia, Porto Alegre, v. 2, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Portaria nº 230, de 17 de dezembro de 2002**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=337>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Curitiba. Histórico**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/historico>>. Acesso em 15 de jul. 2016.



LAMING-EMPERAIRE, A. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul.** Manuais de Arqueologia. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. Universidade Federal do Paraná, n.2, 1967.

LAPLACE, G. **La Typologie analytique et structurale:** base sationnelle d'étude des industries lithiques et osseuses. Banco de dados arqueológicos, 932. Marsella: CRNS, 1972.

LUMLEY, H. de. **Le paleolithique infhieur et moyen du Midi mMiterraneen dans son cadre geologique.** Tome I/: Bas-Languedoc - Roussillon - Catalogne, V supplement AGallia Prehistorique, Ed. C.N.R.S., Paris, 1971.

MANSUR, M. E. **Instrumentos líticos:** Aspectos da Análise Funcional. Arquivos do museu de História Natural. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais. V. 11, p. 115-171, 1986/1990.

MELLO, P. C. **Análise de sistemas de produção e da variabilidade tecnofuncional de instrumentos retocados.** 2005. Tese (Doutoramento em História) – PUCRS, Porto Alegre.

MILHEIRA, R. G.. **Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense:** história e território. São Paulo: USP. Tese de doutorado, 2010

NADALIN, S. O. **Paraná:** ocupação do território, população e migrações. Curitiba: Seed, 2001.

NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Tekó:** em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicada a uma área de domínio no delta do Jacuí/RS. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

NUNES. L. C. **Terminologia lítica:** tecnologia para o estudo da pedra lascada. Goiânia: PUC-Goiás. Dissertação de mestrado, 2008.

PARELLADA, C. I. **Estudo arqueológico no alto vale do Rio Ribeira:** área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná. Tese de doutorado: USP. São Paulo, 2005.

PARELLADA, C.I. Arte Rupestre no Paraná. Revista Científica da FAP, Curitiba, Paraná, v.4, n.1, p.1-25, jan./jun. 2009.

PELEGRIN, J.. Réflexions méthodologiques sur l'étude de séries lithiques en contexte d'atelier ou de mine. In: PELEGRIN, J.; RICHARD, A. (eds). **Les mines de silex au Néolithique en Europe: avancées recentes.** Actas de la table-ronde internationale de Vesoul, 18-19 octobre 1991. Paris: CTHS, 1995, p. 159-172.

PROUS, André; LIMA, Márcio Alonso. **Tecnologia de debitagem do Quartzo no Centro de Minas Gerais:** Lascamento Bipolar. Arquivos do museu de História Natural. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais. V. 11, p. 1-89, 1986/1990.



PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Editora UNB, Brasília, 1992.

RODERJAN, R. V. **Os curitibanos e a formação de comunidades campeiras no Brasil Meridional (Séculos XVI-XIX)**. Curitiba: IHGEP, 1992.

RODET, M. J.; DUARTE-TALIM, D.; SANTOS JUNIOR, V.. **Cadeia operatória e análise tecnológica: uma abordagem metodológica possível mesmo para coleções líticas fora do contexto (exemplo das pontas de projétil do Nordeste do Brasil)**. Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, Series Especiales, n. 1, v. 2, p. 264-278, 2013.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem à Comarca de Curitiba**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964

SANTOS, M. E. **Relatório final do levantamento arqueológico interventivo na área do empreendimento Alphaville Paraná**. Curitiba, 2016.

SCHEIBE, L. F. **A geologia de Santa Catarina**: sinopse prévia. Geosul, 1 (1), 1986, p. 7-38.

SCHMITZ, P. I.; BECKER, I. I. B.; LA SALVIA, F.; LAZZAROTTO, D.; MENTZ RIBEIRO, P. A. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. **Documentos**, 02, 1988, p. 5-74.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H. Pesquisando a trajetória do Jê Meridional. **Anais do II CIAEE**. Dourados: UFGD, 2012. (CD-ROM)

SCHMITZ, P. I. Arqueologia do Rio Grande do Sul. **Documentos**, n. 05, São Leopoldo, 1991.

SCHWENGBER, V. L., NOVASCO, R. V., MELLO, Alessandro De Bona
Contribuições para a arqueologia do planalto catarinense: escavações no município de Passos Maia. Cadernos do CEOM (Unochapecó), v.1, p.169 - 189, 2012.

SONEGO, R. C. **Descrição da estrutura de uma Floresta Ombrófila Mista**. UNISINOS: São Leopoldo. Dissertação de Mestrado. 2007.

SONNEVILLE BORDES, D.; PERROT, J.. **Lexique Typologique du Paleolithique Superieur**. II Bulletin de la Société Préhistorique Française, n. 51, p. 327-333, 1954.

SPAULDING, A. C.. **Statistical Techniques for the discovery of Artifact Types**. American Anthiquity, n. 18, p. 305-313, 1953.

STANCZYK FILHO, M. **À luz do cabedal: acumular e transmitir bens nos sertões de Curitiba (1695 – 1805)**. 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2005.

TIXIER J.; INIZAN, M. L.; ROCHE, H. **Préhistoire de la pierre taillée 1: terminologie et technologie**. Paris: Cercle de recherches et d'études préhistoriques, 1980.



TIXIER, J. **Procédés d'analyse et questions de terminologie concernant l'étude des ensembles industriels du Paléolithique récent et de l'Épipaléolithique dans l'Afrique du Nord-Ouest.** In: CLARK, J. D.; BISHOP, W.W. (Eds.) **Background to Evolution in Africa.** Proceedings of a symposium held at Burg-Wartenstein, Austria 1965. Chicago: Chicago University Press, 1967, p. 771–820.

TIXIER, J.; INIZAN, M. L.; BALLINGER, M. R.; ROCHE, H. **Technologie de la pierre taillée** suivi par un vocabulaire multilingue (allemand, anglais, arabe, espagnol, français, grec, italien, portugais) - Meudon : C.R.E.P., - 199 pag: 79 ill. ; {*Préhistoire de la Pierre Taillée* ; 4). ISBN 2-903516-04-9. 1995.

TOMMASINO, K. Homem e natureza na ecologia dos Kaingang da bacia do Tibagi. In: TOMMASINO, K.; MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. (org.). **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang.** Londrina: Eduel, 2004, p. 145-198.

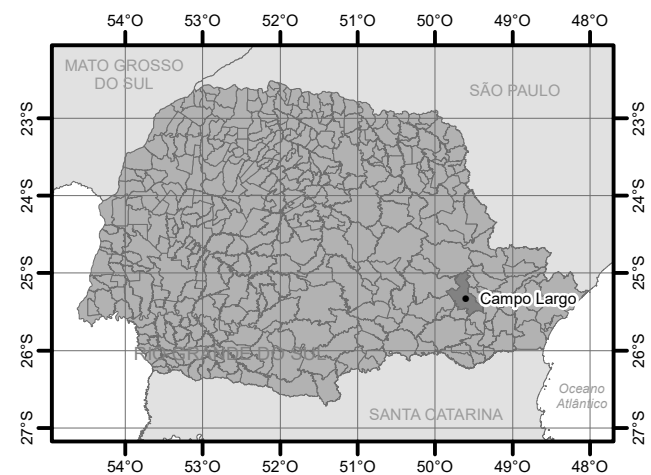
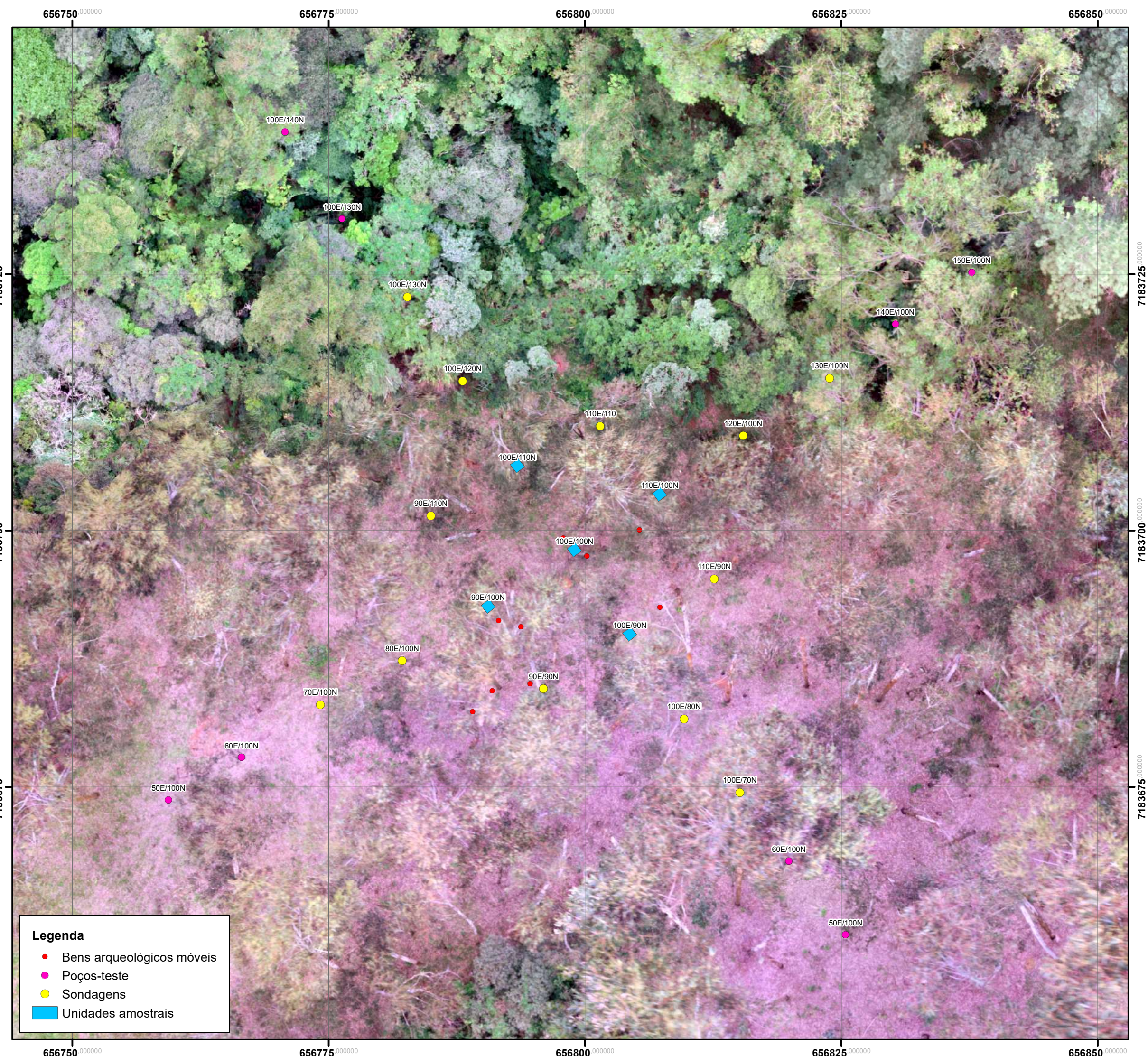
VEIGA, J..História dos Kaingang . <http://www.portalkaingang.org/>. Acesso em: 21/07/2015.



APÊNDICES



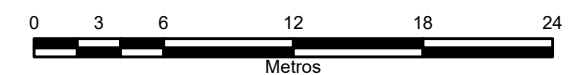
APÊNDICE A – MATERIAL CARTOGRÁFICO



PROJEÇÃO UNIVERSAL TRANSVERSA DE MERCATOR

Escala 1: 350

Origem da quilometragem UTM: Equador e Meridiano 51° W Gr, acrescidas as constantes 10.000 km e 500 km, respectivamente



Hemisfério Sul
Fuso 22J
Datum horizontal: SIRGAS 2000

PLANTA DE CARACTERIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES REALIZADAS NO SÍTIO FAZENDA TIMBUTUVA 5

Esta planta faz parte do relatório complementar de resgate arqueológico e educação patrimonial na área de implantação do empreendimento imobiliário Alphaville Paraná Residencial Sul e Norte, município de Campo Largo, Estado do Paraná

Arqueólogos responsáveis: Valdir Luiz Schwengber

Elaborado por: Raul Viana Novasco

Tubarão, dezembro de 2021.



Espaço Arqueologia
Rua Germano Siebert, 645 - Tubarão - SC



APÊNDICE B – DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA EQUIPE TÉCNICA DO VITOR AUGUSTO DE SOUZA DA SILVA



ANEXOS



ANEXO A – FICHA CADASTRO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO (CNSA)

Nome do sítio: Fazenda Timbutuva 05

Outras designações e siglas: PR-CL-FT05

Município: Campo Largo

Localidade: Ferraria

Outras designações da localidade: Fazenda Timbutuva

Descrição sumária do sítio: Sítio arqueológico pré-colonial à céu aberto, composto por materiais líticos lascados e fragmentos de cerâmica, situado em relevo de meia encosta com suave declividade, distando cerca de 100 metros de um córrego afluente do rio Timbutuva.

Sítios relacionados:

Fazenda Timbutuva 1, 2, 3, 4, 6, 7 e 8

Nome do proprietário do terreno: Timbutuva Empreendimentos Imobiliários Ltda.

Endereço: Ladeira de Nossa Senhora, 163, 6º andar
Bairro da Glória - Rio de Janeiro-RJ

CEP: 22211-100 Cidade: Rio de Janeiro

UF: RJ

E-mail:

Fone/Fax: (21) 2555 0925

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: Partindo-se da área central do município de Campo Largo, seguir pela Av. Padre Natal Pigato até a rodovia BR-277. Seguir no sentido Curitiba por 3,6 Km e entrar à direita na Rua Mato Grosso, seguindo por 3,75 Km, até a entrada da Fazenda Timbutuva. Acessando a estrada da fazenda, seguir por 340 metros, virar na direção norte e seguir à pé por 110 metros, chegando-se na área do sítio.

Comprimento: 51 m Largura: 30 m Altura máxima: 0 m (a partir do nível do solo)

Área: 1030 m² Medição: ☒ Estimada ☐ Passo ☐ Mapa ☐ Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico: CURITIBA - SG-22-X-D-I-3 - MI: 2842-3

Ano de edição: 2005 Órgão: ☐ IBGE ☒ DSG ☐ Outro Escala: 1:50.000

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona:22 E:656800 N:7183695

Perímetro: Zona:22 E:656793 N:7183711

Zona:22 E:656813 N:7183715

Zona:22 E:656807 N:7183684

Zona:22 E:656777 N:7183678

☒ GPS DATUM: SIRGAS2000

☐ Em mapa Margem de erro: 5 m

Unidade geomorfológica: Planalto

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 947 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Afluente do rio Timbutuva

Distância: 160m

Rio: Timbutuva

Bacia: Iguaçu

Outras referências de localização: Fazenda Timbutuva

Vegetação atual:

- ☒ Floresta ombrófil ☐ Savana (cerrado)
☐ Floresta estaciona ☐ Savana-estépica (caatinga)
☐ Campinarana ☐ Estepe
☐ Capoeira

Outra: Áreas de silvicultura (Eucalipto).

Uso atual do terreno:

- ☐ Atividade urbana ☐ Pasto
☐ Via pública ☒ Plantio
☒ Estrutura de fazenda ☐ Área não utilizada

Outro: Área da Fazenda Timbutuva.

Propriedade da terra: ☐ Área pública ☒ Área privada ☐ Área militar ☐ Área indígena

Outra:

Proteção legal: ☐ Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: ☐ Municipal ☐ Estadual ☐ Federal ☐ Patrim. da humanidade

Categoria:

- ☒ Unicomponencial ☒ Pré-colonial
☐ Multicomponencial ☐ De contato
☐ Histórico

Tipo de sítio: Habitação (duração indeterminada)

Forma: Irregular

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia: Material em superfície.

Contexto de deposição: ☒ Em superfície ☒ Em profundidade

Exposição: ☒ Céu aberto ☐ Abrigo sob rocha ☐ Gruta ☐ Submerso
☐ Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| ☐ Áreas de refugio | ☐ Canais tipo trincheiras, valetas |
| ☒ De Lascamento | ☐ Círculos de pedra |
| ☐ De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | ☐ Estacas, buracos de |
| ☐ Funerárias | ☐ Fossas |
| ☐ Vestígios de edificação | ☐ Muros de terra, linhas de argila |
| ☐ Vestígios de mineração | ☐ Palafitas |
| ☐ Alinhamento de pedras | ☐ Paliçadas |
| ☐ Manchas pretas | |
| ☐ Concentrações cerâmicas | Quantidade: |
| Outras: | |

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| ☒ Lítico lascado | ☐ Cerâmico |
| ☐ Lítico polido | ☐ Sobre concha |
| ☐ Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições: Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história - UEM

Números de catálogo:

Arte rupestre: ☐ Pintura ☐ Gravura ☒ Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas: Não foram evidenciados materiais passíveis de datação.

Datações relativas:

Grau de integridade: ☐ mais de 75% ☐ entre 25 e 75% ☒ menos de 25%

Fatores de destruição: ☐ Erosão eólica ☐ Erosão fluvial ☐ Vandalismo
☐ Erosão pluvial ☒ Atividades agrícolas
☒ Construção de estradas ☐ Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição:

Medidas para preservação: Este sítio foi objeto das atividades de resgate arqueológico no ano de 2021.

Relevância do sítio: ☐ Alta ☒ Média ☐ Baixa

Atividades desenvolvidas no local: ☒ Registro ☒ Sondagem ou Corte estratigráfico
☒ Coleta de superfície ☒ Escavação de grande superfície
☐ Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Cláudia Inês Parellada

Endereço:

CEP: Cidade: Curitiba

UF: PR

E-mail: parelladaclau@ig.com.br

Fone/Fax:

Data do registro: Ano do registro: 2004 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Projeto de Caracterização do Patrimônio Arqueológico do EIA-RIMA do Loteamento Timbutuva, Município de Campo Largo - PR, Curitiba, 2005.

Nome da instituição: Museu Paranaense

Endereço: Rua Kellers, nº 289

CEP: 84410-100 Cidade: Curitiba

UF: PR

E-mail: museupr@pr.gov.br

Fone/Fax: (41) 3304 3300

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui: 1	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio 1	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados	Cópia total de arte rupestre
	Planta baixa de estruturas	Cópia parcial de arte rupestre
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo:
	Foto aérea: 1	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 20	Outra:

Bibliografia:

PARELLADA, C. I. Relatório Final do Projeto de Caracterização do Patrimônio Arqueológico do EIA-RIMA do Loteamento Timbutuva, Município de Campo Largo - PR, Curitiba, 2005.

SANTOS, M. E. Relatório Final do Levantamento Arqueológico Interventivo na Área do Empreendimento Alphaville Paraná Curitiba, 2016.

SCHWENGBER, V. L. et al. Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação Patrimonial do empreendimento imobiliário Alphaville Paraná Residencial Sul e Norte, município de Campo Largo-PR. Tubarão: Espaço Arqueologia. Relatório complementa de pesquisa, 2021

Observações: O sítio arqueológico Fazenda Timbutuva 05 foi mapeado no ano de 2004 pela arqueóloga Cláudia Inês Parellada, no decorrer das atividades de pesquisa para elaboração do EIA-RIMA, sendo identificados e recolhidos 10 materiais líticos e 247 fragmentos de cerâmica. No ano de 2016, foram realizadas ações de pesquisa na área do sítio pelo arqueólogo Moacir Elias Santos, momento em que foram realizadas prospecções subsuperficiais e superficiais, contudo, nenhum vestígio arqueológico foi encontrado. No ano de 2021, como resultado das ações de resgate arqueológico, constatou-se que o sítio está implantado em área de topo, distando 100 metros de um córrego, afluente do rio Timbutuva. Durante a aplicação das metodologias de resgate propostas para o contexto arqueológico do sítio Fazenda Timbutuv 05, foram evidenciados 9 (nove) materiais líticos dispostos na superfície. Desta forma, esta ficha foi atualizada com as informações provenientes das atividades de resgate arqueológico realizadas no ano de 2021, sobre a área do sítio Fazenda Timbutuva 05.

Responsável pelo preenchimento da ficha: Raul Viana Novasco

Data: 03/12/2021 **Localização dos dados:** Espaço Arqueologia

Atualizações: Ficha de sítio atualizada com as informações provenientes das atividades de resgate arqueológico.

Data: 06/12/2021

Assinatura:

Valdir Luiz Schwenger



ANEXO B – PORTARIA DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA

Processo: 01400001655202198
Cidade: Belo Horizonte - MG;
Valor Aprovado: R\$ 384.132,38
Prazo de Captação: 04/10/2021 à 31/12/2021
Resumo do Projeto: Realizar uma Mostra de Cinema com temas de sustentabilidade e meio-ambiente durante 1 semana ao ar livre na Praia de Algodões no distrito de Marau no estado da Bahia.A Contrapartida social sera realizada7 palestras referente a produção cinematografica,on-line, disponibilizada nos canais de you-tube.

211638 - Al Cuore
Okna Produções Culturais Ltda
CNPJ/CPF: 08.267.476/0001-03
Processo: 01400001656202132
Cidade: Porto Alegre - RS;
Valor Aprovado: R\$ 481.458,67
Prazo de Captação: 04/10/2021 à 31/12/2021
Resumo do Projeto: "AL CUORE" é um projeto de média-metragem documental de aproximadamente 52 minutos, dirigido por Cristiane Oliveira que irá retratar o cotidiano de três casais de idosos descendentes de imigrantes italianos que vivem na serra do Rio Grande do Sul e falam Talian, uma variante da língua italiana usada principalmente em comunidades no sul do Brasil. AL CUORE abordará esse contexto dos costumes preservados entre os descendentes de italianos pelo viés documental de investigação contemplativa. O documentário realizará um registro etnográfico de extrema importância cultural e se insere no movimento de preservação e difusão do Talian, que ganhou força desde que foi reconhecido como língua oficial no Brasil em 2014. O filme será finalizado em formato digital com resolução 4K.

211639 - GOIÁS A DENTRO
DENYS CAMARGO GUIMARAES FILHO
CNPJ/CPF: 733.983.811-20
Processo: 01400001657202187
Cidade: Goiânia - GO;
Valor Aprovado: R\$ 199.998,57
Prazo de Captação: 04/10/2021 à 31/12/2021
Resumo do Projeto: O presente projeto prevê a realização do " GOIÁS A DENTRO" que consiste em uma gravação de um Média Metragem estilo documentário com duração de 70 minutos, o formato que iremos gravar será em 4k 2160p 24 com resolução 3840x2160 e com o tamanho de 21x9. O Documentário será distribuído/ exibido e disponibilizado com a abertura de um canal dentro da plataforma do Youtube, para apresentar a riqueza da cultura e arte local de 4 (quatro) cidades do Estado de Goiás.

211640 - CineMarias
PURI PRODUCOES E EVENTOS LTDA
CNPJ/CPF: 33.625.380/0001-09
Processo: 01400001658202121
Cidade: Muqui - ES;
Valor Aprovado: R\$ 387.646,88
Prazo de Captação: 04/10/2021 à 31/12/2021
Resumo do Projeto: A proposta visa a realização de oficinas de audiovisual sobre roteiro, linguagem e direção cinematográfica e edição que resultarão na produção de filmes-poesia que, por sua vez, serão exibidos no festival audiovisual (Cine Marias), e, como contrapartida social, será realizado um seminário sobre produção e representação feminina no audiovisual, na elaboração de histórias e construção de personagens.

211641 - 8º Cine.Ema - Festival Nacional de Cinema Ambiental do Espírito Santo
CAJU PRODUÇÕES LTDA
CNPJ/CPF: 04.585.783/0001-73
Processo: 01400001659202176
Cidade: Vitória - ES;
Valor Aprovado: R\$ 496.702,80
Prazo de Captação: 04/10/2021 à 31/12/2021
Resumo do Projeto: Realizar mostras de cinema ambiental, oficinas audiovisuais, shows musicais e outras atividades culturais contemplando as localidades de Burarama (onde é realizado desde 2015) e a Reserva Ambiental Águia Branca (onde é realizado desde 2018). O projeto pretende ocorrer por pelo menos 2 dias em cada lugar, exibindo pelo menos 8 obras audiovisuais de até 30 minutos divididas em 2 sessões de cinema ambiental. O festival também contempla a realização do Cine.Eminha, a mostra infantil que apresenta pelo menos 4 títulos infantis de até 30 min sobre meio ambiente e cultura. O Cine.Ema conecta cultura e consciência ambiental e é inspirado na Pedra da Ema, ícone paisagístico e natural do Espírito Santo. O principal objetivo da proposta é ampliar o alcance do cinema, aproximando-o de comunidades que margeiam patrimônios naturais brasileiros.Além da mostra de cinema, serão realizados outros produtos como: oficinas de contrapartidas sociais e seminário audiovisual e sustentável para professores.

211642 - MoV.Arte - Circulação Audiovisual & de Arte Urbana - Grande Vitória - ES
CAJU PRODUÇÕES LTDA
CNPJ/CPF: 04.585.783/0001-73
Processo: 01400001660202109
Cidade: Vitória - ES;
Valor Aprovado: R\$ 400.000,00
Prazo de Captação: 04/10/2021 à 31/12/2021
Resumo do Projeto: Realização de Mostra de Audiovisual sobre Arte Urbana com até 06 documentários ou outros filmes de curta-metragem sobre o tema exibidas em comunidas de baixa renda e comunidades de periferia da Grande Vitória com realização de até 04 painéis de pintura urbana (murais de intervenção artística) em periferias da Grande Vitória, no Espírito Santo.O acesso aos produtos e ações do projeto será totalmente online.

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA

PORTARIA ANCINE Nº 575-E, DE 1º DE OUTUBRO DE 2021

Altera a PORTARIA ANCINE Nº 151-E, DE 19 DE MARÇO DE 2020, que estabelece, em caráter excepcional, medidas administrativas para a mitigação dos impactos da COVID-19 no setor audiovisual e no que se refere às atribuições da Agência Nacional do Cinema - ANCINE, nos limites de sua competência.

O DIRETOR - PRESIDENTE SUBSTITUTO DA AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA - ANCINE, no uso das atribuições que lhe foram conferidas pelos incisos I, III e IX do art. 17 do Regimento Interno da ANCINE,
CONSIDERANDO a classificação da situação da COVID-19 como pandemia e emergência de saúde pública;
CONSIDERANDO os efeitos e impactos da pandemia na cadeia produtiva do audiovisual;
CONSIDERANDO a necessidade de mitigação dos impactos da pandemia no setor audiovisual, e no que se refere às atribuições da ANCINE; e
CONSIDERANDO o constante dos autos do processo nº 01416.001998/2020-01, resolve:

Art. 1º O art. 11 da PORTARIA ANCINE Nº 151-E, DE 19 DE MARÇO DE 2020, passa a vigorar com a seguinte alteração:
"Art. 11. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação e os artigos 2º-A e 5-B vigoram até 04 de novembro de 2021, admitida a prorrogação."
Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

MAURO GONÇALVES DE SOUZA

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO
CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

PORTARIA Nº 61, DE 1º DE OUTUBRO DE 2021

O DIRETOR DO CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN, no uso da atribuição que lhe foi conferida pela Portaria n.º 459, de 05/08/2021, e de acordo com o disposto no inciso § 2, art. 25, Anexo I, do Decreto n.º 9.238, de 15/12/2017, e com a Lei n.º 3.924, de 26/07/1961, e com a Portaria SPHAN n.º 07, de 1º/12/1988, e ainda do que consta dos processos administrativos relacionados nos anexos a esta Portaria, resolve:

I - Expedir PERMISSÃO, sem prejuízo das demais autorizações exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos arqueólogos coordenadores dos projetos das pesquisas arqueológicas relacionadas no anexo I desta Portaria, regidos pela Portaria Iphan nº 230/02;

II - Expedir RENOVAÇÃO, sem prejuízo das demais autorizações exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos arqueólogos coordenadores dos projetos das pesquisas arqueológicas relacionadas no anexo II desta Portaria, regidos pela Portaria Iphan nº 230/02 e Portaria SPHAN 07/88;

III - Expedir AUTORIZAÇÃO, sem prejuízo das demais autorizações exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos arqueólogos coordenadores dos projetos das pesquisas arqueológicas relacionadas no anexo III desta Portaria, regidos pela Portaria SPHAN 07/88;

IV - Expedir RENOVAÇÃO, sem prejuízo das demais autorizações exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos arqueólogos coordenadores dos projetos das pesquisas arqueológicas relacionadas no anexo IV desta Portaria, regidos pela Instrução Normativa 001/2015, de 25 de março de 2015;

V - Expedir AUTORIZAÇÃO, sem prejuízo das demais autorizações exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos arqueólogos coordenadores dos projetos e programas de pesquisas arqueológicas relacionadas no anexo V desta Portaria, regidos pela Instrução Normativa 001/2015, de 25 de março de 2015;

VI - As autorizações para a execução dos projetos e programas relacionados nesta Portaria não correspondem à manifestação conclusiva do Iphan para fins de obtenção de licença ambiental.

VII - As Superintendências Estaduais são as unidades responsáveis pela aprovação dos projetos e programas de sua competência, cujas execuções estão sendo autorizadas na presente portaria, bem como pela fiscalização e monitoramento das ações oriundas dos mesmos, com base nas vistorias realizadas a partir do cronograma do projeto, inclusive no que diz respeito à destinação e à guarda do material coletado, assim como das ações de preservação e valorização dos remanescentes.

VIII - Condicionar a eficácia das presentes autorizações, permissões e renovações à apresentação, por parte dos arqueólogos coordenadores, de relatórios parciais e finais, em meio físico e digital, ao término dos prazos fixados nos projetos de pesquisa anexos a esta Portaria.

IX - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação

HERBERT MOURA REGO

ANEXO I

01-Processo nº 01502.002612/2017-03
Projeto: Monitoramento Arqueológico do Empreendimento Alphaville Costa dos Coqueiros - Guarajuba 2
Arqueólogo Coordenador: Samara Maria da Silva Oliveira
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia e Paleontologia - LAP - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Área de Abrangência: Município de Camaçari, estado da Bahia.
Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses

02-Processo nº 01506.003735/2013-90
Projeto: Prospecção e Monitoramento da Linha 15-Prata da Companhia do Metropolitano de São Paulo - Metrô (Trecho São Mateus /Hospital Cidade Tiradentes - Estações Boa Esperança e Jacu-Pêssego)
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani
Apoio Institucional: Museu Municipal Elizabeth Aytai - Prefeitura de Monte Mor
Área de Abrangência: Município São Paulo, estado de São Paulo
Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses

03-Processo nº 01502.000264/2014-89
Projeto: Prospecção Arqueológica na Área de Influência da Implantação do Sistema Rodoviário Ponte Salvador - Ilha de Itaparica
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani
Área de Abrangência: Municípios de Salvador, Vera Cruz e Maragogipe, estado da Bahia
Prazo de Validade: 04 (quatro) meses

04-Processo nº 01512.000842/2009-09
Projeto: Resgate Arqueológico das PCHs do Rio Toropi - PCH Rincão São Miguel e PCH Cachoeira Cinco Veados
Arqueólogas Coordenadoras: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani e Suzana Eliza Roll Munsberg
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia do Museu de Ciências (Labarq/MCN) - Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior (Univates)
Área de Abrangência: Municípios de Quevedos e São Martinho da Serra, estado do Rio Grande do Sul
Prazo de Validade: 05 (cinco) meses

05-Processo nº 01506.004860/2014-06
Projeto: Prospecções Arqueológicas Sistemáticas Interventivas e Programa de Educação Patrimonial na área de Implantação do Empreendimento Denominado Mina Serrinha
Arqueóloga Coordenadora: Inês de Oliveira Noronha
Apoio Institucional: Museu Histórico de Itapeva - Prefeitura Municipal de Itapeva
Área de Abrangência: Município de Itaoça, estado de São Paulo
Prazo de Validade: 06 (seis) meses

ANEXO II

01-Processo nº 01500.003457/2015-92
Projeto: Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de implantação do CLIMA - Complexo Logístico & Industrial de Macaé
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani.
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia Brasileira (LAB)
Área de Abrangência: Município de Macaé, estado do Rio de Janeiro
Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses

02-Processo nº 01506.000697/2010-71
Projeto: Monitoramento arqueológico e educação patrimonial na área do Residencial Fazenda da Grama - Fase 2 - Etapa 4
Arqueóloga Coordenadora: Lilia Benevides Guedes
Apoio Institucional: Museu Municipal Elizabeth Aytai - Prefeitura de Monte Mor
Área de Abrangência: Município de Itupeva, estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses



03-Processo nº 01508.000962/2016-22
Projeto: Resgate Arqueológico, Monitoramento e Educação Patrimonial do Empreendimento Imobiliário Alphaville Paraná Residencial Norte e Sul
Arqueólogo Coordenador: Valdir Luiz Schwengber
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da Universidade Estadual de Maringá (LAEE) - Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Área de Abrangência: Município de Campo Largo, estado do Paraná
Prazo de Validade: 07 (sete) meses

04-Processo nº 01506.001607/2006-82
Projeto: Complementar de Avaliação e Mitigação de Impactos ao Patrimônio Arqueológico Resultantes de Barragens ao longo dos rios Tietê, Grande e Pardo
Arqueólogo Coordenador: Astolfo Gomes de Mello Araújo
Apoio Institucional: Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE - Universidade de São Paulo (USP)
Área de Abrangência: Municípios de Anhembi, Barra Bonita, Botucatu, Conchas, Dois Córregos, Laranjal Paulista, Igaracú do Tietê, Mineiros do Tietê, Piracicaba, Santa Maria da Serra, São Manuel, São Pedro, Bariri, Boracéia, Itapuí, Jaú, Macatuba, Pederneiras, Arealva, Iacanga, Ibitinga, Adolfo, Borborema, Cafelândia, Irapuã, José Bonifácio, Lins, Mendonça, Nova Aliança, Novo Horizonte, Pirajuí, Pongai, Potirendaba, Promissão, Reginópolis, Guaicara, Sabino, Sales, Ubarana, Uru, Urupês, Barbosa, Brejo Alegre, Buritama, Glicério, Penápolis, Planalto, Turiuba, Ubarana e Zacarias, Macedônia, Mira Estrela, Ourroeste, Paulo de Faria, Pedranópolis, Pontes Gestal, Riolândia, Caconde, São José do Rio Pardo, Mococa, Itapira, Mogi Guaçu e Mogi Mirim, no Estado de São Paulo. e Campina Verde, São Francisco de Sales, Itapagipe, Frutal e Iturama, estado de Minas Gerais
Prazo de Validade: 08 (oito) meses

05-Processo nº 01500.002331/2020-68
Projeto: Monitoramento e Resgate do Asilo Barão do Amparo
Arqueólogo Coordenador: Giovanni Scaramella
Apoio Institucional: Instituto d'Orbigny
Área de Abrangência: Município de Vassouras, estado do Rio de Janeiro
Prazo de Validade: 06 (seis) meses

ANEXO III

01-Processo nº 01504.000236/2021-71
Projeto: Plano de Gestão do Patrimônio Arqueológico - Capela Jesus, Maria e José
Arqueóloga Coordenadora: Jéssica Rafaella de Oliveira
Apoio Institucional: Museu de Arqueologia de Xingó - MAX - Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Área de Abrangência: Município de Laranjeiras, estado de Sergipe
Prazo de Validade: 06 (seis) meses

02-Processo nº 01408.000112/2020-01
Projeto: Cadastramento, Recadastramento e Georreferenciamento de Sítios Arqueológicos localizados no Estado da Paraíba
Arqueólogo Coordenador: Almir do Carmo Bezerra
Área de Abrangência: Municípios de Aroeiras, Baía da Traição, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boa Vista, Cabaceiras, Campina Grande, Congo, Fagundes, Gurjão, Itatuba, João Pessoa, Lagoa Seca, Mamanguape, Mataraca, Olivedos, Picuí, Queimadas, Santa Rita, São Francisco, São João do Cariri, São João do Tigre, São José de Piranhas, São José dos Cordeiros, São Mamede, Serra Branca, Sousa, Sumé, Vieirópolis, Araruna, Barra de Santana, Brejo da Cruz, Campina Grande, Caturité, Congo, Cuité, Emas, Itatuba, Monteiro, Natuba, Nova Palmeira, Picuí, Pilões, Pocinhos, Riachão do Bacamarte, São Domingos, São João do Cariri, São João do Tigre, São José do Brejo da Cruz, São Vicente do Seridó, Serra da Raiz no estado da Paraíba
Prazo de Validade: 06 (seis) meses

03-Processo nº 01514.001172/2021-14
Projeto: Pesquisa Arqueológica no Parque Municipal Arqueológico Morro da Queimada
Arqueólogo Coordenador: Marcelo Fagundes
Apoio Institucional: Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Área de Abrangência: Município de Ouro Preto, estado de Minas Gerais
Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses

04-Processo nº 01450.002827/2021-55
Projeto: Carta Arqueológica Subaquática do Baixo Rio São Francisco: Inventário Sistemático do Patrimônio Cultural Subaquático
Arqueólogo Coordenador: Gilson Rambelli
Apoio Institucional: Museu Arqueológico de Xingó (MAX) - Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Área de Abrangência: Municípios de Amparo de São Francisco, Brejo Grande, Canhoba, Canindé de São Francisco, Gararu, Ilha das Flores, Neópolis, Nossa Senhora de Lourdes, Poço Redondo, Porto da Folha, Propriá, Santana do São Francisco, Telha, estado de Sergipe; e Belo Monte, Igreja Nova, Pão de Açúcar, Penedo, Piaçabuçu, Piranhas, Porto Real do Colégio, São Brás, Traipu, estado de Alagoas
Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses

ANEXO IV

01-Enquadramento IN: Nível III
Empreendedor: Elektro Eletricidade e Serviços S.A
Empreendimento: Linha de Transmissão 138 kV Manoel da Nóbrega Mongaguá (trecho de mata e subterrâneo)
Processo nº 01506.005608/2016-78
Projeto: Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área da Linha de Transmissão 138 kV Manoel da Nóbrega-Mongaguá (Trecho de mata e subterrâneo)
Arqueólogo Coordenador: Alexandre Pinto Coelho de Almeida
Arqueólogo de Campo: Marcelo Carlos Ribeiro
Apoio Institucional: Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara - Prefeitura Municipal de Araraquara
Área de Abrangência: Município de Praia Grande e Mongaguá, estado de São Paulo
Prazo de Validade: 03 (três) meses

02-Enquadramento IN: Nível III
Empreendedor: Vale S.A
Empreendimento: Pesquisa Mineral com Sondagens Projeto S 11 A e B
Processo nº 01450.002834/2019-32
Projeto: Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área de Influência do Empreendimento denominado Pesquisa Mineral com Sondagens Projeto S 11 A e B
Arqueólogo Coordenador: Marlon Prado
Arqueólogo de Campo: Pedro Alzair Pereira da Costa Júnior
Apoio Institucional: Núcleo de Arqueologia, Etnologia e Educação Patrimonial (NAEEP) - Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCCM) - Prefeitura Municipal de Marabá
Área de Abrangência: Município de Canaã dos Carajás, estado do Pará
Prazo de Validade: 12 (doze) meses

03-Enquadramento IN: Nível II
Empreendedor: CCR - Rodonorte
Empreendimento: Duplicação da Rodovia BR-376 km 420 ao km 431
Processo nº 01508.000160/2020-62
Projeto: Acompanhamento Arqueológico Referente ao Empreendimento Duplicação da Rodovia BR-376 km 420 ao km 431
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani
Arqueóloga de Campo: Vanessa da Silva Belarmino

Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História (LAEE) - Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Área de Abrangência: Município de Tibagi, estado do Paraná
Prazo de Validade: 06 (seis) meses

04-Enquadramento IN: Nível II
Empreendedor: CCR - Rodonorte
Empreendimento: Duplicação da Rodovia BR-376 km 411+400 ao km 420+000
Processo nº 01508.000159/2020-38
Projeto: Acompanhamento Arqueológico Referente ao Empreendimento Ampliação da Duplicação da Rodovia BR-376 km 411+400 ao km 420+000
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani.
Arqueóloga de Campo: Vanessa da Silva Belarmino
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História (LAEE) - Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Área de Abrangência: Município de Tibagi, estado do Paraná
Prazo de Validade: 06 (seis) meses

05-Enquadramento IN: Nível III
Empreendedor: Central Geradora Hidrelétrica São Brás Ltda
Empreendimento: CGH São Brás
Processo nº 01508.000786/2020-79
Projeto: Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na área de Influência da CGH São Brás
Arqueólogo Coordenador: Tacio Vieira Machado
Arqueólogo de Campo: Tacio Vieira Machado
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história (LAEE) - Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Área de Abrangência: Municípios de Santo Antônio do Sudoeste e Salgado Filho, estado do Paraná
Prazo de Validade: 02 (dois) meses

06-Enquadramento IN: Nível II
Empreendedor: Valle Verde Empreendimentos Imobiliários SPE Ltda
Empreendimento: Residencial Vale Verde
Processo nº 01506.004603/2016-28
Projeto: Acompanhamento Arqueológico das obras de Implantação do Residencial Vale Verde
Arqueóloga Coordenadora: Lilia Benevides Guedes
Arqueólogo de Campo: Moisés Moraes de Matos
Área de Abrangência: Município de Boituva, estado de São Paulo
Prazo da portaria: 03 (três) meses

07-Enquadramento IN: Nível III
Empreendedor: Revita Engenharia S.A
Empreendimento: Unidade de Valorização Sustentável - UVS Gabriel Monteiro
Processo nº 01506.000834/2020-49
Projeto: Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico da Unidade de Valorização Sustentável - UVS Gabriel Monteiro
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani
Arqueólogo de Campo: Job Lôbo
Apoio Institucional: Museu Municipal José Raphael Toscano - Prefeitura Municipal de Jahu
Área de Abrangência: Município de Gabriel Monteiro, estado de São Paulo
Prazo de Validade: 12 (doze) meses

08-Enquadramento IN: Nível III
Empreendedor: Aurora Energia Ltda
Empreendimento: Parque Solar Pérola
Processo nº 01402.000969/2017-77
Projeto: Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico Parque Solar Pérola
Arqueólogo Coordenador: Paulo Eduardo Zanettini
Arqueólogo de Campo: Lucas de Paula Souza Troncoso
Apoio Institucional: Museu de Arqueologia e Paleontologia-Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Área de Abrangência: Município de Ribeiro Gonçalves, estado do Piauí
Prazo de Validade: 09 (nove) meses

09-Enquadramento IN: Nível II
Empreendedor: FR Incorporações E Construções Ltda
Empreendimento: Bosque São Cristóvão
Processo nº 01402.000396/2020-87
Projeto: Acompanhamento Arqueológico na área do Empreendimento Edifício Bosque São Cristóvão
Arqueólogo Coordenador: Hebert Rogério do Nascimento Coutinho
Arqueóloga de Campo: Robéria Lisboa Reis
Área de Abrangência: Município de Teresina, estado do Piauí
Prazo de Validade: 03 (três) meses

10-Enquadramento: Nível III
Empreendedor: FLOW Participações Societárias Eireli
Empreendimento: CGH Matheus Ribeiro de Souza
Processo nº 01510.000249/2018-65
Projeto: Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área de Implantação da CGH Matheus Ribeiro de Souza
Arqueóloga Coordenadora: Aline Bertoncello
Apoio Institucional: Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (NEEA/CEOM) - Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó)
Área de Abrangência: Município de Bom Jardim da Serra, estado de Santa Catarina
Prazo de Validade: 01 (um) mês

11-Enquadramento IN: Nível III
Empreendedor: Centrais Eólicas Assuruá V SPE S/A
Empreendimento: Complexo Eólico Assuruá 5
Processo: 01502.000016/2021-67
Projeto: Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área Diretamente Afetada (ADA) do Complexo Eólico Assuruá 5, municípios de Gentio do Ouro e Xique-xique, Bahia.
Arqueóloga Coordenadora: Tatiana Costa Fernandes
Arqueólogo de Campo: Leandro Borges Bispo
Área de Abrangência: Municípios de Gentio Do Ouro e Xique-Xique, estado da Bahia
Prazo de Validade: 03 (três) meses

12-Enquadramento IN: Nível III
Empreendedor: EKT 5 Serviços de Transmissão de Energia Elétrica SPE S.A
Empreendimento: Linha de Transmissão 230 kV Livramento 3 - Santa Maria 3 (C2): área de ampliação da SE Santa Maria 3
Processo nº 01512.000134/2019-31
Projeto: Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área da Linha de Transmissão 230 kV Livramento 3 - Santa Maria 3 (C2): área de ampliação da SE Santa Maria 3
Arqueólogo Coordenador: Luís Vinícius Sanches Alvarenga
Arqueólogo de Campo: Luís Vinícius Sanches Alvarenga
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia do Museu de Ciências e Tecnologia (LA-MCT) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)
Área de Abrangência: Município de Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul





ANEXO C – CURRÍCULO LATTES DO VITOR AUGUSTO DE SOUZA DA SILVA



ANEXO D – DECLARAÇÃO DO EMPREENDEDOR